

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

FERNANDA ALVES FERNANDES FIDELIS

**A (des)confiança em sistemas peritos:
os apoiadores de Bolsonaro no Distrito Federal e suas
percepções sobre as vacinas contra Covid-19.**

BRASÍLIA

2021

FERNANDA ALVES FERNANDES FIDELIS

A (des)confiança em sistemas peritos: os apoiadores de Bolsonaro no Distrito Federal e suas percepções sobre as vacinas contra Covid-19.

Monografia apresentada ao Departamento de
Sociologia da Universidade de Brasília
(SOL/UnB) para a obtenção do título de
Bacharel em Sociologia.

Orientador: Profº Drº Tiago Ribeiro Duarte.

BRASÍLIA – DF

Maior de 2021

A (des)confiança em sistemas peritos: os apoiadores de Bolsonaro no Distrito Federal e suas percepções sobre as vacinas contra Covid-19.

Monografia apresentada ao Instituto de Ciências Sociais (ICS) no Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (SOL/UnB) para a obtenção do título de Bacharel em Sociologia sob a orientação do Profº Drº Tiago Ribeiro Duarte, em 25 de maio de 2021, à seguinte banca examinadora:

Profº Drº Tiago Ribeiro Duarte

Profº Drº Emerson Ferreira Rocha

DEDICATÓRIA

Em memória do meu avô Francisco Alves Pinto, às famílias das vítimas da Covid-19 e do sistema que promove suas mortes.

AGRADECIMENTO

À Deus, agradeço pela dádiva da vida, pela sua graça e amor infinito.

À minha mãe e ao meu pai, agradeço por acreditarem e sempre incentivarem meus projetos. À minha família, sou grata por sempre apoiar e nutrir com amor essa minha longa jornada. Ao meu companheiro Francisco, sou grata pelo afeto e paciência nesse processo de escrita da monografia.

Aos meus amigos, sou grata pelo apoio ao longo dos anos na Universidade de Brasília. Foram anos de muita aprendizagem, crescimento pessoal e intelectual. E, em especial, agradeço à Raquel Gontijo, João Roberto, Yasmin Reis e Cindy Porto, por todo suporte nesta caminhada universitária. São centenas de nomes, não cabem aqui, obrigada a todas as amigas, pelas conversas no campus, na frente do CASO e ANTRO! Agradeço às companheiras e companheiros de lutas na UnB, foi muito importante descobrir que somos muitas e que podemos criar um mundo novo. Grata às mulheres da CCM – Centro de Convivência de Mulheres da UnB, vocês são incríveis.

Agradeço às trabalhadoras e aos trabalhadores terceirizados da UnB que mantêm esta Universidade funcionando.

À professora Débora Messenberg, sou grata por ter aceitado orientar meu primeiro Projeto de Iniciação Científica, em 2017, e por ter contribuído para meu crescimento acadêmico.

Ao meu orientador Tiago Duarte, agradeço por sua disposição em contribuir e dar suporte na jornada do PIBIC e desta monografia; sempre muito atencioso em suas contribuições e correções. Ao professor Emerson Rocha, sou grata por aceitar participar da banca deste trabalho tão prontamente.

Ao grupo de pesquisa de Ciências, Tecnologias & Públicos pelas leituras e considerações feitas durante a minha pesquisa e a este trabalho.

Por fim, agradeço as professoras e professores do Instituto de Ciências Sociais (ICS), que colaboraram para a formação de um pensamento crítico. E por todas as funcionárias e funcionários do ICS, que nos ajudaram nas empreitadas de matrículas, solicitações e burocracias na Universidade.

RESUMO

A confiança no sistema de peritos é uma das características centrais na modernidade (GIDDENS, 1991). Para este trabalho partimos da noção de que na era da pós-verdade algumas instituições modernas que usufruíram de um poder epistêmico vasto passam agora por um crise em que há perda de confiança nestes sistemas de peritos, como é o caso da ciência e da mídia tradicional. Esta crise de confiança, no contexto da pandemia da Covid-19, propicia a disseminação de *fake news* acerca da vacina contra o novo coronavírus nas redes sociais o que pode ser prejudicial para a saúde em geral. Além disso, no discurso cotidiano do presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, fica explícita sua atitude negacionista e o estímulo à desconfiança acerca da imunização contra a Covid-19. Diante disto, resgatamos o conceito de sistemas peritos em Giddens (1991) e buscamos verificar como se vincula a (des)confiança acerca destes na era da pós-verdade. Os dados coletados do presente trabalho são referentes ao Projeto de Iniciação Científica (PIBIC) denominado: Os apoiadores de Bolsonaro e a pandemia da Covid-19, mais especificamente, no que concerne às percepções dos apoiadores de Bolsonaro do Distrito Federal sobre as vacinas contra a Covid-19. Foram realizadas 29 entrevistas, sendo 13 mulheres e 16 homens, com faixa etária entre 19 e 68 anos. Nos resultados, verificou-se que a maioria dos apoiadores críticos de Bolsonaro demonstraram ter uma maior intenção de se vacinar, ao passo que, dentre os apoiadores fiéis observou-se uma menor intenção de se vacinar contra a Covid-19.

Palavras-chave: Vacina contra Covid-19; Pós-verdade; Movimento antivacina; Anticiência; Desinformação; Hesitação vacinal.

ABSTRACT

Trust in the expert system is one of the central characteristics of modernity (GIDDENS, 1991). However, in the post-truth era, it is noted that some modern institutions that enjoyed vast epistemic power are now going through a crisis in which there is a loss of confidence in these expert systems, as is the case with science and traditional media. This crisis of confidence, in the context of the Covid-19 pandemic, provides the dissemination of fake news about the vaccine against the new coronavirus on social medias, which can be harmful to health in general. In addition, in the daily speech of the president of the Republic, Jair Messias Bolsonaro, his denial attitude and the encouragement of distrust regarding the immunization against Covid-19 are explicit. Given this, we rescued the concept of expert systems in Giddens and sought to verify how the (dis)trust about them is linked in the post-truth era. The data collected from this study refer to the Scientific Initiation Project (PIBIC) called: Bolsonaro supporters and the Covid-19 pandemic, more specifically, with regard to the perceptions of Bolsonaro supporters in the Federal District about vaccines against Covid-19. Twenty-nine interviews were conducted, with 13 women and 16 men, aged between 19 and 68 years. In the results found, it was noted that most of Bolsonaro's critical supporters demonstrated a greater intention to be vaccinated, while among faithful supporters there was a lower intention to be vaccinated against Covid-19.

Keywords: Covid-19 vaccine; Post-truth; Anti-vaccination movement; Antiscience; Disinformation; Vaccination hesitation.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Faixa etária	33
Gráfico 2: Distribuição quanto às variáveis raça e cor (autodeclaração)	34
Gráfico 3: Escolaridade	34
Gráfico 4: Renda Mensal	35
Gráfico 5: Religião	35

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Gráfico da Avaliação do governo (%) XP/Ipespe.....	37
--	----

SUMÁRIO

Introdução	11
Definição dos Objetivos.....	13
Metodologia	13
Capítulo 1. A (des)confiança nos sistemas peritos: vacinas na era da pós-verdade	15
Introdução	15
1.A Revolta da Vacina	17
2. A (des)confiança nos sistemas peritos e a pós-verdade	19
3. (Des)confiança em sistemas peritos: as vacinas no contexto da pós-verdade	24
Capítulo 2. Análise de Dados	32
1. Perfil Socioeconômico	32
2. Bolsonarismo no Distrito Federal	35
2.1. Apoiadores fiéis e Apoiadores críticos	37
2.2. Posicionamento político dos apoiadores	39
3. As percepções sobre as vacinas contra Covid-19	43
Considerações Finais	52
Referências Bibliográficas	54

Introdução

Em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) pronunciou-se a respeito da Covid-19 e declarou a situação como uma epidemia¹, tratando-se de um estado de emergência de saúde pública com amplitude mundial². Depois, num curto espaço de tempo, passou-se a ser considerada como uma pandemia³, tomado proporções globais que surpreendem e impactam a todos, gerando uma mudança no cotidiano de diversas pessoas em todos os continentes. Os governos de distintos países tomaram medidas para conter a propagação do vírus, entre essas estavam: *lockdown* (isolamento social rigoroso) e distanciamento social – recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) –; compras em larga escala de máscaras, de respiradores mecânicos para hospitais, de medicamentos e vacinas.

Em meio a esse momento de insegurança e instabilidade mundial, a popularidade do presidente Bolsonaro passou por oscilações. De acordo com a pesquisa XP/IPESPE, de novembro de 2020, o governo de Bolsonaro teve sua pior avaliação no mês de maio/2020, com índice de 50% de pessoas que consideraram o governo como ruim e péssimo; 25% ótimo e bom; e 23% regular⁴. Em agosto/2020, a aprovação de Bolsonaro atingiu 37% e em setembro chegou a 39% - sendo esta a maior taxa desde de fevereiro de 2019.

Desde o início da pandemia, houve uma relutância do Presidente Jair Bolsonaro em “aceitar a pandemia”, tendo adotado nesse período uma atitude negacionista, incluindo ações como: não respeitar o distanciamento social e a não utilização de máscara como recomendado pela OMS⁵. A postura do Presidente da República em não seguir a expertise científica, ficou mais evidente em seus discursos não favoráveis ao isolamento social, visto que nesta perspectiva o Brasil não poderia parar, pois as consequências econômicas seriam devastadoras⁶.

¹ Segundo Lopes (1996:68), a definição de epidemia “designa uma doença que atinge um grande número numa dada população”.

² Paho. OMS declara emergência de saúde pública de importância internacional em relação a novo coronavírus. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6100:oms-declara-emergencia-de-saude-publica-de-importancia-internacional-em-relacao-a-novo-coronavirus&Itemid=812>. Acesso em: 19 nov 2020.

³ <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em: 02 nov 2020.

⁴ Pesquisa XP/Ipespe. Disponível em: https://conteudos.xpi.com.br/wp-content/uploads/2020/11/Pesquisa-XP_-2020_11-Opinio.pdf. Acesso em 16 dez 2020.

⁵ Folha de São Paulo. Bolsonaro deixa isolamento do coronavírus, estimula e participa de ato pró-governo e contra Congresso e STF. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/bolsonaro-deixa-isolamento-do-coronavirus-e-de-carro-participa-de-ato-pro-governo-na-esplanada.shtml>. Acesso em: 06 dez 2020.

⁶ A frase “O Brasil Não Pode Parar” virou uma campanha de comunicação digital do Planalto e depois em 07 de maio o ministro Barroso extinguiu as ações acerca da veiculação da campanha a respeito da volta das atividades

Além disso, ele adotou uma gestão mais centralizadora nas políticas realizadas pelo Ministério da Saúde, o que levou à demissão de dois ministros em um mês; recomendou o uso da hidroxicloroquina - mesmo sem o medicamento ter eficácia comprovada no tratamento da Covid-19; estimulou o questionamento a respeito da eficácia das vacinas contra o novo coronavírus e afirmou que era favorável à não obrigatoriedade da vacinação⁷.

Cientistas, a indústria farmacêutica e pesquisadores engajaram-se na corrida pela vacina contra a Covid-19, que acirrou-se nos últimos meses de 2020, com mais de 180 iniciativas de pesquisas pelo mundo à época⁸. No Reino Unido, aprovou-se a primeira vacina contra a doença, ainda no ano de 2020, produzida pela farmacêutica Pfizer, que foi a pioneira e conseguiu concluir seus testes clínicos em 18 de novembro demonstrando eficácia de 95%. De acordo com a Agência France-Presse, até fevereiro de 2021, em âmbito global, tinha-se um total de oito vacinas já autorizadas, três ainda em processo e 250 em desenvolvimento⁹.

Conforme o relatório intitulado “Coronavírus: Pandemia, Infodemia e Política”, a OMS em 2019, anunciou que vivemos em uma “infodemia” – que seria “caracterizada por uma quantidade e variedade excessiva de informações de diferente qualidade e credibilidade” – acerca das informações do coronavírus¹⁰. Em consequência disso, há grande risco para a saúde em todo o mundo pela dificuldade de se encontrar fontes de notícias confiáveis.

O transcurso do tempo diante da pandemia foi marcado por muitas polêmicas acerca das vacinas contra a Covid-19 e, disseminaram-se *fakenews* envolvendo a imunização pelas redes sociais. A verificação do tema vacina, no site da organização de *fact-checking*, Aos Fatos, se contabiliza 65 notícias falsas sobre vacinas, sendo a maioria sobre imunização contra a Covid-19¹¹.

econômicas na pandemia da Covid-19. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2020/05/07/barroso-extingue-aco-es-contr-a-campanha-o-brasil-nao-pode-parar>>. Acesso em: 04 dez 2020.

⁷ Bolsonaro diz que vai comprar vacina de empresa chinesa, se Anvisa liberar. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2020/11/4888461-bolsonaro-diz-vai-comprar-vacina-de-empresa-chinesa-se-anvisa-liberar.html>>. Acesso em 06 dez 2020.

⁸ Folha de São Paulo. Corrida por vacina contra Covid-19 tem cerca de 200 candidatas no mundo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/10/corrida-por-vacina-contr-a-covid-19-tem-cerca-de-200-candidatas-no-mundo-conheca.shtml>. Acesso em: 05 dez 2020.

⁹ Correio Braziliense. Saiba quais as vacinas anticovid autorizadas ou em processo de autorização no mundo. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/mundo/2021/02/4907146-saiba-quais-sao-as--vacinas-anticovid-autorizadas-ou-em-processo-de-autorizacao-no-mundo.html>>. Acesso em: 13 mar 2021.

¹⁰Coronavírus: Pandemia, Infodemia e Política. Disponível em: https://www.fespsp.org.br/store/file_source/FESPSP/Documentos/Coronavirus-e-infodemia.pdf. Acesso em 02 dez 2020.

¹¹ Aos Fatos. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/search/?q=vacina&page=1>>. Acesso em: 15 abr 2021.

A hesitação vacinal e a disseminação de *fake news* acerca da imunização não é um fenômeno exclusivo desta pandemia. Na última década, houve um crescimento da desconfiança acerca da vacinação em países como Brasil e Estados Unidos, mesmo esta sendo uma prática exitosa, o que gerou um decréscimo na quantidade de pessoas que buscam se vacinar e que deixam de levar seus filhos para vacinar (MASSARANI *et al*, 2020; VASCONCELLOS & SILVA, 2021). Tal acontecimento é um risco para a sociedade, pois a decisão pela não vacinação promove o ressurgimento de doenças que já estavam controladas (MASSARANI *et al*, 2020). Como por exemplo, o sarampo, que em 2000, já era tido como controlado nos Estados Unidos e, no Brasil, desde 2016. Todavia, entre 2018 e 2019, no contexto brasileiro, houve novo surto desta doença. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a decisão de não tomar vacina está entre as “dez maiores ameaças à saúde no mundo” (MASSARANI *et al*, 2020: 2). No Brasil, algumas campanhas públicas acerca de metas da cobertura vacinal enfrentaram dificuldades, como em 2014 e 2019, no caso do HPV; e em 2017 e 2018, na epidemia de febre amarela, cuja situação foi agravada devido a uma ampla proliferação de *fakenews* (*ibidem*).

Diante desse contexto de pandemia, o presente trabalho tem como objetivo apresentar as análises de dados referentes ao Projeto de Iniciação Científica (PIBIC) denominado: *Os apoiadores de Bolsonaro e a pandemia da Covid-19*, mais especificamente, no que concerne às percepções dos apoiadores de Bolsonaro do Distrito Federal sobre as vacinas contra a Covid-19. Utilizou-se uma metodologia de cunho qualitativo. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas, de forma *online*, por meio de vídeo chamadas. Os dados foram coletados, em parte, pela autora do presente trabalho, Fernanda Fidelis, e, em parte, por Fernanda Luz, a outra estudante participante do PIBIC, havendo compartilhamento de dados entre as partes.

As entrevistas ocorreram entre setembro de 2020 e fevereiro de 2021 – período escolhido para iniciar as entrevistas. Inicialmente, foram acionados contatos pessoais e, em seguida, utilizou-se o método bola de neve¹² para a seleção de participantes. No total, foram realizadas 29 entrevistas com pessoas eleitoras e residentes no Distrito Federal, sendo 13 mulheres e 16 homens, o que refletiu uma tentativa de ter uma amostra diversa, e com faixa etária entre 19 e 68 anos.

¹² O método bola de neve é uma técnica de amostragem não probabilística onde os indivíduos selecionados para serem estudados convidam novos participantes da sua rede de amigos e conhecidos.

Segundo Giddens (1991), os sistemas peritos são um dos elementos centrais da modernidade e a confiança neles depositada. Partimos da noção de que há perda de confiança nos sistemas peritos no contexto da era da pós-verdade (SISMONDO, 2017; CESARINO, 2021), em particular trataremos da ciência. No presente trabalho tem como objetivo realizar análise das percepções de alguns dos apoiadores do atual presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, no Distrito Federal, sobre as vacinas contra Covid-19 e verificar se há desconfiança nos sistemas peritos, neste caso, a ciência.

O primeiro capítulo divide-se em três seções: primeiramente, aborda-se a Revolta das Vacinas para contextualizar o movimento antivacina no Brasil. Em segundo, buscou-se direcionar uma discussão sobre as noções de sistemas peritos na perspectiva de Giddens (1991) e algumas perspectivas dos intelectuais de Estudos Sociais das Ciências e Tecnologias (ESCT) sobre a era da pós-verdade (SISMONDO, 2017; LEWANDOWSKY, 2017; FULLER, 2016). E, por fim, sobre como a desinformação e hesitação vacinal, no século XXI, estão vinculados à crise de confiança na expertise científica na era da pós-verdade.

No segundo capítulo, apresentação dos dados coletados: (i) o perfil socioeconômico; (ii) ‘bolsonarismo’ no Distrito Federal; (iii) posicionamento político dos apoiadores; (v) as percepções acerca das vacinas contra a Covid-19. Por fim, as considerações finais acerca das conclusões sobre a pesquisa.

Pela contemporaneidade da pesquisa e, principalmente, dos fatos explorados, fez-se uma pesquisa documental, envolvendo temáticas relevantes nas mídias tradicionais, como, por exemplo: a CBN, BBC News, Estado de Minas, Folha de São Paulo, Estadão, Organização Aos Fatos e a Agência Lupa. Com isso, buscou-se verificar alguns eventos, afirmações, *fake news* citadas nas entrevistas e no discurso do Presidente da República para melhor análise das categorias propostas.

Capítulo 1 – A (des)confiança nos sistemas peritos: atitudes antivacina na era da pós-verdade.

Introdução

Os sistemas peritos são elementos fundamentais na modernidade (GIDDENS, 1991), no entanto, na era da pós-verdade há uma crise de confiança em relação a estes sistemas (CESARINO, 2021). Na contemporaneidade, popularizou-se o termo pós-verdade e concepções acerca deste, a partir do verbete do dicionário da Universidade de Oxford/Inglaterra, que define-o como: “relacionando ou denotando circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal” (POST-TRUTH, 2016, s/p). Esta noção realista acerca da pós-verdade é enfrentada no campo de Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia (ESCT), que de acordo com Duarte (no prelo) “há muito vem criticando concepções de fato científico que o trate como autônomo com relação a valores, interesses e emoções”. Dito de outro modo, há uma forma mais sofisticada de abordar a pós-verdade, que não por essa noção realista popularizada, mas numa perspectiva construtivista, de que os fatos científicos são construídos socialmente. Compreendendo-se, portanto, que a questão passa por uma crise de confiança nas instituições que na modernidade gozam de um vasto poder epistêmico (DUARTE, no prelo), como os sistemas peritos, a ciência e a mídia.

A discussão acerca da confiança e perícia na modernidade, presente na teoria de Giddens (1991), é fundamental para a compreensão da (des)confiança nos sistemas peritos em relação às vacinas contra Covid-19. Mesmo sob o fato de a cobertura vacinal ser considerada uma *prática vencedora*, com a tecnologia da vacina reconhecida há décadas e considerada uma das maiores conquistas da medicina moderna, sendo possível erradicar doenças de continente inteiros e poupar milhares de vidas (MASSARANI *et al*, 2020; VASCONCELLOS-SILVA & CASTIEL, 2021; KATA, 2010; LOPES, 1996). Observa-se nas últimas décadas, em países como Brasil e Estados Unidos, manifestações nas redes sociais indicando o crescimento do movimento antivacina e uma hesitação vacinal (*ibidem*). Somado a isso pesquisas realizadas recentemente (BROW *et al*, 2018; ROOZENBEEK *et al*, 2020) apontam que uma vez que as pessoas são expostas às notícias anti-imunização demonstram ter uma menor intenção de vacinação em relação às pessoas que não foram expostas a este tipo de informação. O fenômeno da hesitação vacinal é uma preocupação da OMS anterior à pandemia da Covid-19.

No contexto atual, a vacina contra Covid-19 é considerada a esperança para superação do novo coronavírus e um passaporte para a “nova normalidade”. Os cientistas afirmaram que para o desenvolvimento rápido destas vacinas seria necessário de 12 a 18 meses, seguindo critérios rigorosos de segurança (SAIF, 2020), mas antes desse período já havia uma vacina contra a Covid-19¹³. Para Saif (2020), a vacina Covid-19 de primeira geração tinha a previsão de chegar numa velocidade maior que antes – visto que já se tinha um conhecimento anterior sobre o Sars-COV, que tem “agentes patógenos e anticorpos de neutralização semelhantes” ao Covid-19—, no entanto esta imunização não seria capaz de conter o surto do momento atual¹⁴.

Por outro lado, há um movimento de desinformação em torno da vacina. As retóricas anti-imunização permeiam a sociedade brasileira e as redes sociais, gerando preocupação sobre suas consequências na saúde pública, que vão desde adoecimentos até mortes. Esta preocupação com a desinformação sobre imunização não é só nacional, mas vem sendo enfrentada por todo o mundo. No Brasil, em 2018, na campanha de vacinação contra a febre amarela, as *fake news* foram um desafio à cobertura vacinal (SACRAMENTO e PAIVA, 2020). No ano seguinte, na imunização contra o HPV¹⁵ e agora na cobertura vacinal contra Covid-19 as *fake news* voltaram a gerar preocupação tanto em território nacional (VASCONCELLOS-SILVA & CASTIEL, 2021) como internacionalmente (ROOZENBEEK, 2020; MARQUES *et al.*, 2021).

Segundo Recuero e Soares (2021), o estudo acerca das campanhas de desinformação vem ganhando centralidade nas discussões acadêmicas, em especial nas de abordagem políticas, saúde e meio ambiente. Como, dito anteriormente, a própria Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu este fenômeno como *infodemia* devido à amplitude que tomou a desinformação durante a pandemia de Covid-19.

Dito isto, na primeira seção deste capítulo, abordaremos o caso da Revolta das Vacinas, no começo do século XX, para contextualizar a história da vacina no Brasil.

¹³ A Rússia foi pioneira e registrou a primeira vacina contra Covid-19, a Sputnik V, no entanto quando a vacina da Pfizer já estava aprovada no Reino Unido, a Sputnik ainda tinha resultados incompletos quanto à comprovação de eficácia e segurança. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55156721>>. Acesso em: 20 maio 2021.

¹⁴ Saif (2020), explica que o COVID-19 e o SARS-COV conectam “o mesmo receptor de células hospedeira (enzima conversos de angiotensina 2 [ACE2]) e podem compartilhar patógenos de doenças semelhantes e anticorpos de neutralização cruzada limitada”. Haja vista este conhecimento, assim como uma compreensão mais apurada acerca das estratégias de reprodução do COV e progressos tecnológicos acerca das vacinas desde que o SARS havia aparecido. Desse modo, esperava-se que a vacina COVID-19(primeira geração) chegasse mais rápido ao público. Podemos notar assim que, pelo avanço tecnológico a vacina contra Covid-19 não tomaria tanto tempo de estudo e teste quanto outras vacinas que exigiriam mais estudos, não há como comparar esta vacina com outras, pois entram questões muito particulares do contexto científico.

¹⁵ Aos Fatos. Como a desinformação provocou rejeição de jovens à vacina contra HPV no Acre. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/como-desinformacao-provocou-rejeicao-de-jovens-vacina-contra-hpv-no-acre/>>. Acesso em 16 abr 2021.

1. A Revolta da Vacina

A “Revolta da Vacina” aconteceu no começo do século XX. Nesse período a população teve uma grande resistência à campanha de cobertura vacinal obrigatória ocorrida no Rio de Janeiro, que se encontrava em uma situação precária no que concerne à higiene e saneamento básico. Isto gerou focos de doenças como a febre amarela e a varíola, que se tornaram epidemias (FONSECA & DUSO, 2020). Os problemas contemporâneos no território brasileiro acerca do movimento antivacina e da questão da imunização, podem ter sua origem ainda nesta revolta (*ibidem*).

Conforme Porto (2003:53), nesta época, as medidas sanitárias causaram muita revolta na população, pois além do plano de saneamento, havia uma reformulação urbana, com intervenções radicais como as derrubadas de cortiços e de casas em diversos bairros, visando a construção de grandes avenidas, realizada por Rodrigues Alves, presidente à época.

Neste momento histórico, no Rio de Janeiro, a população tinha desconfianças sobre a vacina, por acreditar que ela poderia levar a óbito ou gerar modificações físicas, tais como tornar a face do indivíduo similar à de um bezerro. De acordo com Scliar (*apud* FONSECA & DUSO, 2020:4), essas ideias se deviam às vacinas pioneiras antivariólicas serem confeccionadas “com fluidos extraídos de lesões de vacas com a *vaccinia*, a varíola bovina”.

A sociedade estava dividida em grupos distintos: de um lado, havia um grupo com atitudes antivacina – privilegiado como apontado por Vasconcellos-Silva & Castiel (2021), que reconhecia a utilidade da vacina, no entanto, questionava seu caráter compulsório, colocando o Estado como uma instituição que não dava liberdade civil e individual de decisão acerca da vacina. Destacava-se um outro grupo que se rebelou contra o Estado por ter sido retirado de suas casas e, com isso, afetado diretamente pelas medidas sanitárias. Para este grupo, havia o medo da vacina por ser uma novidade, em um sistema de saúde em formação no Brasil, além dos desconhecidos os efeitos dos imunizantes.

Oswaldo Cruz, tendo ciência sobre a hesitação da população em relação à imunização, realizou, em 1904, uma “expedição ao estilo militar”, que incluiu a criação de uma polícia sanitária e tornou a imunização obrigatória (PORTO, 2003:54). O terror foi utilizado nessa expedição. Brigadas sanitárias forçavam a entrada na casa das pessoas, o que gerou grande temor e repulsa da população em torno da vacinação, uma vez que a prática vacinal não era de conhecimento da população (*ibidem*). A aversão à vacinação tomou grandes proporções com o

suporte de grupos em oposição ao governo e com o apoio da mídia contra Oswaldo Cruz, desencadearam num levante popular, com demonstrações públicas e formou-se então um cenário de guerra civil (FONSECA & DUSO, 2020: 4). A obrigatoriedade da imunização, que já havia sido instituída em 1837, e no início de 1904 havia sido reiterada por meio de lei enviada ao Congresso por Oswaldo Cruz, foi cancelada próximo ao final do ano de 1904. Quatro anos depois, veio um novo surto com um número superior a dez mil casos (PORTO, 2003: 54).

Segundo Vasconcellos-Silva & Castiel (2021), a Revolta da Vacina tinha entre suas causas uma conspiração política por parte das elites brasileiras por intermédio de debates contra as ações feitas forçosamente pelo Estado. Neste contexto, os grupos opositores já falavam sobre liberdade civil como argumento para a não aplicação da imunização. Conforme Sevcenko (2003), esses grupos já tinham apresentado anteriormente atitudes antivacina – no caso de combate à febre amarela – e acreditavam que se o governo concebia as vacinas como sendo de qualidade,

[...] que deixasse a cada consciência a liberdade de decidir pela sua aplicação ou não, podendo, inclusive, escolher as condições que melhor lhe conviessem para recebê-la. Obstavam, enfim, não contra a vacina, cuja utilidade reconheciam, mas contra as condições da sua aplicação e acima de tudo contra o caráter compulsório da lei (SEYCENKO, 2003:10).

A questão da liberdade civil como argumentação para a vacina não ser compulsória apareceu também no contexto inglês em 1853 e no Brasil, agora no século XXI na pandemia da Covid-19. Como visto no início desta seção, havia desconfiança por parte da população no Rio de Janeiro, em especial sobre os possíveis efeitos colaterais, pensavam que o imunizante poderia levar ao óbito ou até mesmo apresentar mutações físicas. Em ambos os contextos, do início do século XX e o atual, as argumentações são arcaicas e não têm base científica. Na contemporaneidade, mesmo com os avanços científicos sobre a imunização, há uma desconfiança quanto aos sistemas peritos, no caso, uma desconfiança sobre a ciência.

2. A (des)confiança no sistema de peritos e a pós-verdade

Para Giddens (1991), as instituições modernas possibilitaram condições para uma existência segura – até mesmo gratificante de certa forma¹⁶. Antes da modernidade, *a tradição existente oferecia segurança fundamentada na fé*, por mais que as circunstâncias daquela sociedade oferecessem demasiados riscos aos sujeitos. Coloca-se uma nova situação, em que se substitui esta tradição por uma confiança nas instituições modernas, com vista a se diminuir os riscos, estes que são calculados como sendo bem menores em relação aos das sociedades pré-modernas, onde os indivíduos cientes dos riscos se engajavam para enfrentar as consequências.

Na modernidade, um elemento do cotidiano social é a marcada reflexividade – modeladora das práticas sociais –, as ações humanas passam a ser examinadas a todo tempo e “reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim construtivamente seu caráter” (GIDDENS, 1991:49). Assim, todos os tipos de vida social, em parte, são estabelecidas por meio do conhecimento que os atores têm acerca destas.

Giddens afirma que as mudanças ocorrem a todo o tempo em diversas sociedades. No entanto, é na modernidade em que se acentua e há uma radicalização da reflexividade para que se aplique as revisões em todas as dimensões da vida humana, até mesmo na intervenção tecnológica do mundo material (*ibidem*). Esta reflexividade radicaliza-se, utilizando como meio o conhecimento científico e a disseminação da informação pelos meios de comunicação, que nesta era, alcançam uma ampla parcela da população mundial num curto tempo-espaço. E no que concerne, ao teor da atitude reflexiva, as solicitações da razão tomam o lugar das da tradição, por esse motivo dariam uma impressão maior de certeza do que se tinha antes deste período.

Conforme Giddens (1991:36), um dos elementos centrais na modernidade, é o sistema de peritos, que é um “sistema de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje” (GIDDENS, 1991:37-38). Este é capaz de remover as relações sociais de seus contextos locais e, necessariamente, deve haver uma confiança quanto à sua eficácia, como veremos mais à frente. Giddens (1991) afirma que uma parte essencial do seu argumento é de que a origem das instituições modernas é

¹⁶ As instituições modernas, na perspectiva de Giddens (1991), são aquelas consolidadas após o feudalismo e depois do século XX, sendo assim, considera-se que estas têm um dinamismo acelerado – devido à relação tempo-espaço; desencaixe e a reflexividade da modernidade. Desse modo, passam a ter uma amplitude global.

intimamente relacionada ao “mecanismo da confiança em sistemas abstratos, especialmente confiança em sistemas peritos”.

Esta confiança em sistemas peritos, para uma pessoa leiga é um “artigo de fé” e não está sujeita à uma “plena iniciação nestes processos nem do domínio do conhecimento que eles produzem”, ou seja a pessoa o indivíduo é desprovido dessa técnica e capacitação profissional. A confiança aqui, tem uma característica pragmática na fé, que fundamenta-se “na experiência de que tais sistemas geralmente funcionam como se espera que eles o façam” (GIDDENS, 1991:39). É nesse sentido que o autor traz o conceito de confiança que, de acordo com o Dicionário Oxford Inglês, consiste na “crença ou crédito em alguma qualidade ou atributo de uma pessoa ou coisa, ou a verdade de uma afirmação”; assim as noções de crença e crédito estão relacionadas à “fé” (GIDDENS, 1991:41). Assim, a confiança teria como pressuposto “consciência das circunstâncias de risco, o que não ocorre com a crença” (*ibidem*).

Na modernidade, substituí-se as comunidades em sua interação face a face por grupos de indivíduos que não se veem e que talvez, não terão a oportunidade deste contato. Giddens (1991:92), define *compromissos sem rosto* – uma melhor tradução seria contatos impessoais – como o “desenvolvimento de fé em fichas simbólicas ou sistemas peritos”, estes quando em conjunto são chamados de *sistemas abstratos*. A confiança em sistemas abstratos, Giddens (1991:95), pode ser de dois tipos: uma baseada em um relacionamento em que os indivíduos se conhecem há muito tempo e bem, o que dá substancialidade para se tornarem fidedignos. O segundo é o de confiabilidade relativa, no qual a fidedignidade é considerada central. Giddens afirma que:

“Em certas circunstâncias, a confiança em sistemas abstratos não pressupõe encontro algum com os indivíduos ou grupos que são de alguma forma “responsáveis” por eles. Mas na grande maioria das instancias tais indivíduos ou grupos estão envolvidos, e devo me referir a encontro com eles por parte dos atores leigos como pontos de acesso dos sistemas abstratos são o terreno comum dos compromissos com rosto e sem rosto” (GIDDENS, 1991:95-96).

Há uma distinção rigorosa entre os desempenhos de “palco” e de “bastidores”, ambos pontos de acesso, essa passagem de um local para outro é um elemento essencial do profissionalismo, pois pode-se minimizar “o impacto das habilidades imperfeitas e da falibilidade humana”. Os peritos sempre mantêm uma parte oculta sobre o que fazem, uma das razões disso é que a perícia exige ambientes afastados do público, onde se tenha ambientes especializados e propício para concentração mental.

Uma perspectiva que vai ao encontro da de Giddens, e que vem tomando grande relevância na mídia e no discurso público desde 2016, é a era da pós-verdade (LEWANDOSKY, 2017). Para Lewandowsky *et al* (2017:353, tradução livre), “o mundo da pós-verdade emergiu como resultado social de megatendências, como o declínio do capital social, crescimento da desigualdade econômica, aumento da polarização, declínio da confiança na ciência e um crescente fracionamento da mídia”. Sismondo, afirma que para quem é do campo das ESCT, sabe que “a competição epistêmica é tanto sobre como escolher quais verdades podem ser consideradas salientes e importantes quanto sobre quais afirmações podem ser consideradas verdadeiras e falsas, e essas escolhas têm consequências importantes” (SISMONDO, 2017:4, tradução livre).

Desse modo, para compreender a crise de confiança ou a desconfiança nos sistemas peritos – no sentido de perda de confiança na ciência e nos fatos científicos – vamos abordar algumas questões acerca da era da pós-verdade e como esta relaciona-se a movimentos anticientíficos que rejeitam a “autoridade científica epistêmica da ciência e de tecnologias” (KIENHUES *apud* MARQUES *et al*, 2021). Bertanha (2020:106) aponta que, a noção de pós-verdade pode adquirir distintos significados, sendo relacionadas “ou não à ascensão de governantes promovedores de fatos alternativos, como o Presidente dos Estados Unidos da América, Donald Trump e o próprio Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, de grupos de direita interessados na “manutenção da família tradicional” ou de escândalos envolvendo a manipulação de eleitores em redes sociais”. No que concerne à noção de pós-verdade há algumas temáticas que prevalecem.

Sismondo (2017b, p.588) comenta que há seis temas prevaletentes na ideia de pós-verdade e na emergência de uma era marcada por esse sentido: 1) A definição glosada pelo dicionário Oxford, que salienta que as emoções têm importado mais no julgamento do que é verdade, seja na política ou na cultura pública, do que as bases factuais nas quais ela se assenta; 2) Opiniões, especialmente se elas vão de encontro ao que as pessoas já querem acreditar, têm importado mais do que os fatos; 3) Figuras públicas podem fazer afirmações desconectadas dos fatos, sem temer consequências; 4) Aceitação da desonestidade como parte da vida política; 5) A perda de confiança na mídia tradicional, levando à proliferação de notícias falsas e à promoção de investigações desvinculadas dos sistemas tradicionais de construção de conhecimento, seja científico ou não; 6) E, por fim, a perda de respeito ou de confiança na expertise científica. (BERTANHA, 2020:106).

Acerca do último aspecto trazido por Sismondo, o de perda de confiança na expertise científica, resgatamos Oliveira *et al* (2020) que, ao abordar o fenômeno de desinformação, explica que na medida em que, ocorre a midiaticização dos conflitos de interesses, expande-se o

sentimento de desconfiança entre a população acerca das instituições que produzem conhecimento – considerado legítimo socialmente e que influencia de algum modo na dimensão pública (OLIVEIRA *et al*, 2020:92). Ou seja, uma das facetas da desinformação é criar uma sensação de descrença na expertise científica, que seria característico da pós-verdade.

Ainda sobre a expertise científica, Fuller (*apud* BERTANHA, 2020:107) tem uma percepção, ponto comum à pós-verdade, de que “as principais categorias normativas da ciência, como ‘competência’ e ‘expertise’, são como as datas móveis do calendário de festas cristãs, cujas condições são determinadas pela dinâmica de poder que obtém entre alinhamentos específicos de partes interessadas”. Isto mostra que a expertise científica pode estar sujeita à forças externas que são determinantes no rumo tomado por esta. Outro ponto apontado por Fuller, comum à pós-verdade é o de que “o consenso não é um estado natural na ciência, mas um que requer fabricação e manutenção, trabalho que é facilmente subestimado porque a maioria deste trabalho ocorre fora do palco no processo de revisão por pares”.

Um argumento que reforça esta noção é resgatada por Cesarino (2021:76), no conhecimento científico em Kuhn, que seria baseado num “tipo de organização (institucional, sociológica, cognitiva) que tem por fundamento um “tipo especial” de grupo que é a comunidade científica: fechado, autônomo, cujas fronteiras são mediadas de modo rígido pelo processo de revisão por pares e por uma pedagogia incorporada”. E por meio desses processos a autora pontua que há a construção da confiança, que seria o fundamento “do conhecimento e da prática científicos”.

Para Cesarino (2021:76), a crise que precede processos revolucionários de troca de paradigma é causada pela falta de confiança na competência do paradigma de guiar a ciência normal de uma forma eficaz em meio à uma disseminação de anomalias. A autora afirma que estamos numa crise de confiança no sistema de peritos e que, no entanto, não há um novo arranjo a caminho. A relação de confiança em sistemas peritos conforme descrito pela Cesarino se daria a partir da objetividade na ciência:

“O que a objetividade na ciência descreve é uma relação estável e eficaz entre enunciados e inscritores – ou mediações – de diversas ordens. Trata-se de uma relação de “controle” no sentido etimológico do termo: em suas origens medievais, o termo designava um “segundo rolo” contra o qual se verificava a autenticidade de um registro escrito ou numérico. O que a ciência faz é estabilizar este “segundo registro” contra o qual enunciados sobre o mundo (natural ou social) podem ser verificados (o termo em francês é *témoin*, ou testemunha). Em outras palavras, a grande meta-função da ciência em sociedades complexas como as nossas é produzir ordem, por meio da confiança social em um sistema de peritos” (CESARINO, 2021:77).

Cesarino destaca essa noção para reforçar a ideia de que a pós-verdade seria uma crise de confiança originada em uma transformação aguda “nos tipos de mediação que organizam – e reorganizam em novas bases – a produção de conhecimento legítimo nas sociedades” (CESARINO, 2021:77). Em outras palavras, na era da pós-verdade, seria um estado epistêmico em que uma afirmação qualquer pode vir a ser alterada por qualquer pessoa, a um baixo dispêndio, de modo que não se tem controle desta situação.

Outra noção presente na era da pós-verdade, resgatando a citação de Sismondo (2017) é uma desconfiança acerca da mídia tradicional. De acordo com alguns estudiosos, com as novas tecnologias de informação, há um aumento das fontes de notícias *online* e com isso novas preocupações, uma destas é a de que com a diversidade excessiva de perspectivas facilitaria para os cidadãos com ideias semelhantes formarem suas “bolhas de filtro” ou “câmaras de eco” (SISMONDO, 2017), de modo a se isolarem de pontos de vistas contrários aos seus (ALLCOTT e GENTZKOW, 2017). No entanto, a preocupação mudou de direção e voltou-se para as mídias sociais, como no caso do *Facebook* em que se tem uma ruptura com o tipo de tecnologia de mídias anteriores, sendo possível transmitir o conteúdo entre usuários sem a necessidade de uma filtragem por parte de terceiros para se verificar a veracidade dos fatos ou para se seguir uma linha editorial (*ibidem*). Isto possibilitou que um indivíduo alcance o mesmo número de pessoas que uma mídia tradicional, por exemplo.

A perda de confiança na mídia tradicional soma-se ainda à atenção voltada para as *fake news*. Em 2017, *fake news* foi escolhida como “a palavra do ano” pelo dicionário Collins (HARSIN, 2018). Segundo Oliveira *et al* (2020:92) as *fake news* ou notícias falsas “podem ser associadas à contestação da informação como forma de desautorização da veracidade informacional ou ataques geopolíticos no qual a informação tem sido o alvo entre potências internacionais”. Para Allcott e Gentzkow (2017), as *fake news* seriam definidas como informações noticiadas de forma proposital e provavelmente falsas, podendo levar a pessoa receptora desta ao erro.

Ao trazer essa discussão para o contexto político, com o advento das novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs), há diversas possibilidades a serem exploradas pelos políticos para que se relacionem com a sociedade, assim como torna mais palpável a sensação de proximidade entre candidatos e eleitores (VISCARDI, 2020:1137). Sismondo (2017:4) ressalta que o poder da pós-verdade de direcionar atenção para as *fake news* têm uma parte fundamental nas abordagens comportamentais e instrumentais tanto na arena política como em

outras arenas. Assim, eleitores são tratados como se fossem indivíduos a se manipular ao invés de pessoas a serem persuadidas.

Neste contexto de pós-verdade e *fake news*, há um campo de disputa, em que a autoridade científica é relevante e tem seu valor, visto que sempre é acionada “como signo de convencimento junto ao público (OLIVEIRA *et al*, 2020). Ou seja, na pós-verdade há uma perda de confiança nos fatos científicos, mas quando se deseja convencer a um público se recorre à autoridade científica para se legitimar alguma questão junto ao público. Por outro lado, como apontado por Sismondo (2017) há uma perda de confiança nos sistemas peritos – mídia tradicional e os que envolvem conhecimento científico – no contexto de pós-verdade. O que abre espaço para *fake news* que, por vezes, levam as pessoas ao erro. Na próxima seção veremos como ocorre essa perda de confiança na expertise científica, em meio a esse contexto da era da pós-verdade, no que concerne às vacinas contra a Covid-19.

3. (Des)confiança em sistemas peritos: as vacinas no contexto da pós-verdade

A desconfiança e hesitação à imunização não é um caso particular da vacina contra a Covid-19. Isso ocorre mesmo com vacinas que já têm um histórico de estudo mais longo e de testagem, licenças e aprovações nacionais e internacionais, como é o caso das imunizações contra HPV, em 2014 e 2019, e a febre amarela em 2018 (MASSARANI *et al*, 2020:2). Argumentaremos que a partir de uma crise de confiança nos sistemas peritos e da mídia, na era da pós-verdade, tem colaborado para que haja uma maior disseminação das campanhas de desinformação e crescente desconfiança quanto à imunização contra a Covid-19. As vacinas são colocadas em cheque e entram no corredor da desconfiança e desinformação – fomentada por movimentos antivacina –, sendo alvo de falsas notícias e que afetam de modo prejudicial a saúde pública em geral. Como veremos, as *fake news* acerca de vacinas já são recorrentes e possuem um histórico anterior ao coronavírus, de modo que vinham sendo combatidas pelas organizações de saúde, governos e profissionais de saúde. Uma vez expostas à informações de cunho antivacina ficou comprovado empiricamente que as pessoas diminuem sua intenção de se vacinar (MARQUES *et al*, 2021; ROOZENBEEK *et al*, 2020), ou seja, as *fake news* podem representar um grande risco à saúde nesse sentido de colaborar com a atitude de hesitação vacinal.

A perda de confiança na mídia tradicional é uma das características da era da pós-verdade, como vimos na seção anterior, isto possibilita a disseminação de *fake news* e por

consequência estimula investigações que deixam de fora os sistemas abstratos de tradição de constituição de conhecimento, sendo este científico ou não (SISMONDO, 2017). Para entender como se dá a perda de confiança na mídia tradicional, primeiro abordaremos no que constitui a confiança no jornalismo, aqui compreendido como sistema perito, no sentido giddensiano, e os três momentos desta confiança neste sistema que para Miguel (1999; 2004) seriam:

“A crença depositada no jornalismo pelo consumidor de informações pode ser desdobrada em três elementos. Primeiro (e mais simples), a confiança na veracidade dos fatos relatados. Depois, a confiança de que realmente os aspectos mais relevantes de cada fato são aqueles que estão relatados. Por fim, a confiança na escolha acertada, entre a infinidade de eventos que ocorrem a cada dia, de quais mereceriam ser alçados à condição de “fatos jornalísticos”. A imprensa possui, assim, o monopólio da seleção da notícia. O relevante é observar que este recorte da realidade, resultante das decisões de um grupo restrito de profissionais e submetido aos constrangimentos próprios do campo jornalístico, é apresentado à sociedade como sendo “a” realidade ou, ao menos, sua parcela significativa”. (Miguel, 2004).

Como Giddens (1991:98) afirma a confiança nos sistemas peritos precisa se renovar no cotidiano. . No entanto, como aponta Miguel (1999;2004), o jornalismo tem como características ser determinista e impor limitações quanto à verificação dos fatos narrados pelos consumidores de notícias. Mas a saída para ter credibilidade nesta situação seria *impor como indiscutível*, em especial na Televisão. Os três momentos colocados por Miguel (1999; 2004) são de difícil verificação para o leitor. Outra questão que o autor coloca é que “uma vivência pontual pode levar ao questionamento dos critérios de seleção da imprensa”. Isto ocorre quando um indivíduo que está diante de um “acontecimento de envergadura”, como uma manifestação, por exemplo, e nota que aquilo foi ignorado.

Contextualizando o texto de Miguel (1999; 2004) para a atualidade, há diversas agências de *fact-checking*, em que os consumidores de informações podem enviar suas dúvidas para serem sanadas e conferir por meio de busca às informações por apenas um clique, mas a questão é quantas pessoas verificam os fatos nessas agências. Ou seja, o ponto central da discussão contemporânea, não é apenas a de se verificar um fato, pois, segundo o novo estudo “Iceberg digital”¹⁷, realizado pela Kaspersky, afirma que 62% dos brasileiros não sabe discernir se uma notícia é falsa. Uma outra forma de compreender essa questão é pela perspectiva de que o jornalismo como um sistema perito, é responsável por definir o que seria verdadeiro ou falso, e ainda escolhe quais conteúdos serão midiaticizados e colocados ao público.

¹⁷ Canaltech. 62% dos brasileiros não sabem reconhecer *fake news*, diz pesquisa. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/seguranca/brasileiros-nao-sabem-reconhecer-fake-news-diz-pesquisa-160415/>>. Acesso em: 20 maio 2021.

Como vimos anteriormente, o que os intelectuais ESCT colocam sobre a era da pós-verdade, como justamente fazer um esforço “para se transformar os critérios para se determinar o que é verdade ou mentira” (DUARTE, no prelo). E, conforme Fuller (*apud* DUARTE, no prelo) a concepção de pós-verdade seria então “uma condição epistêmica onde qualquer enunciado pode ser especialmente contestado por qualquer um, a um custo muito baixo – ou seja, onde não há mais controle”. Assim, para o autor, distintas noções de realidade são disseminadas num cenário em que há uma certo caos epistêmico, e nisto há uma crise de confiança nos sistemas peritos e na comunidade científica.

Neste contexto de crise de confiança nos sistemas peritos, no caso trataremos da desconfiança na ciência no que concerne às vacinas, que já é anterior à pandemia do novo coronavírus. Em 2018, a febre amarela passou do Nordeste do Brasil para o sudeste, chegando ao Rio de Janeiro e São Paulo¹⁸. Houve uma grande dispersão de desinformação sobre um possível risco da vacina contra a febre amarela e ocorreu mais rápido devido à disseminação ocorrida via *WhatsApp* (MOLTENI, 2018). Os rumores acerca das reações fatais da vacina apontavam traços de mercúrio na composição e conspirações do governo circulavam pelo *Facebook*. Segundo Massarani et al (2020:10), a desinformação sobre as vacinas faz o público ter desconfiança no processo sobre a campanha de vacinação e pode acarretar a desistência de parcela da população de se vacinar. Desse modo, as pessoas podem não vir a reconhecer a imunização “como um direito que deve ser garantido”.

Em 2019, no Brasil, houve a campanha de cobertura vacinal contra o papiloma vírus (HPV)¹⁹. E, em particular, no estado do Acre, houve uma rejeição grande dos jovens à vacinação²⁰²¹. Disseminaram-se, pelo *Facebook*, diversos relatos (testemunhos com fotos e vídeos) afirmando que jovens em ótimo estado de saúde estariam tendo dores de cabeça, crises convulsivas, fraqueza após serem imunizadas contra o papiloma vírus e até mesmo parada cardíaca, somando assim em torno de 70 histórias de adolescentes que teriam sido vítimas da

¹⁸ No Brasil, na área do Amazonas, a febre amarela costumava aparecer a cada 6-10 anos, nas épocas mais quentes, quando os mosquitos eram infectados pelos macacos e transmitiam a enfermidade para algumas pessoas (Molteni, 2018).

¹⁹ Segundo o *Centers for Disease Control and Prevention* (CDC), a vacinação contra HPV é segura e eficiente, foram doze anos de monitoramento e pesquisa para se chegar a esse status de segurança da imunização, sendo aprovada tanto pelo CDC quanto pelo *Food and Drug Administration* (FDA). De acordo com a CDC, os possíveis efeitos colaterais dessa vacina seriam: febre, dor, dor de cabeça, vermelhidão, inchaço no braço em que se tomou a vacina, tontura, náuseas, cansaço, dor nas juntas ou muscular.

²⁰ Aos Fatos. Como a desinformação provocou rejeição de jovens à vacina contra HPV no Acre. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/como-desinformacao-provocou-rejeicao-de-jovens-vacina-contr-hpv-no-acre/>>. Acesso em 16 abr 2021.

²¹ Já em 2014, quando o Ministério da Saúde realizou um campanha de vacinação em todo território nacional, nas escolas grupos nas redes sociais condenavam a vacina contra HPV (Aos Fatos, 2019).

vacina contra o HPV (AOS FATOS, 2019). Nos grupos do *Facebook*, diversas acusações feitas pelas mães de supostas vítimas da imunização contra o HPV foram tidas como uma das causas na diminuição do índice de vacinação na cidade de Rio Branco, Acre. Haja vista que foi neste estado em que relatou-se a maioria dos casos nos grupos, gerou-se uma grande desconfiança na população local em informações oficiais sobre imunização.

No relatório do Núcleo de Etnografia Urbana – NEU (2020) da FESPSP e NetLab - Laboratório de Microsociologia e Estudo de Redes/UFRJ, há apontamentos muito importantes sobre como funciona uma campanha de desinformação e suas consequências:

A disseminação de mensagens e orquestração de campanhas online com o uso de automação e inteligência artificial tem consequências sociais, políticas e culturais relevantes: (a) sequestram a atenção da rede de usuários e ajudam a manipular os algoritmos das plataformas; (b) criam cascatas de informação que tendem a influenciar o comportamento de outros usuários por meio de contágio, (c) contribuem para a distorção e manipulação da opinião pública em constante construção e mutação; (d) pautam o debate e as conversações online e offline. (KALIL *et al*, 2020:8)

A estratégia de comunicação da desinformação ocorre em algumas fases. Primeiro, há um “teste de contágio” que, essencialmente, é a fase em que se utilizam anabolizante virtuais. Nesta fase faz-se um experimento para saber o potencial impacto da informação que se deseja disseminar. No estudo de Kalil et al (2020), um desses testes aconteceu horas antes de um pronunciamento do Presidente Bolsonaro, momento em que os grupos bolsonaristas dispararam na Internet diversos vídeos de empresários no Brasil – como Roberto Justus e os donos da Havan, Madero e Giraffas – questionando o isolamento social durante a pandemia.

Estes depoimentos servem como teste para mensurar o ‘potencial impacto’ do discurso de Bolsonaro nas redes sociais, que apenas seria veiculado mais para o final do dia na Televisão, e uma das intenções desse tipo de teste é direcionar como os militantes *online* vão se comportar e preparar o solo para atualização com narrativas frescas; e a manipulação da opinião pública; e a mensuração de possíveis contra-ataques de seus inimigos – neste caso compreende-se que seria opiniões contrárias às disseminadas. Essa estratégia de desinformação utiliza as celebridades, que criam seus próprios fatos e disseminam pelas redes sociais em suas bolhas epistêmicas.

A partir do exposto, nota-se que a desinformação disseminada por governos e dirigentes do Estado, é de maior visibilidade, pois ainda reverberam por meio das mídias tradicionais e plataformas digitais oficiais do Estado. Tal estratégia possui um enorme impacto e repercussão sob a opinião pública e no imaginário coletivo. Sobre esta estratégia de desinformação utilizada

nas mídias sociais, Duarte (2020) aponta que, a negação acerca do conselho da ciência no caso de Bolsonaro trata-se de um líder carismático dando seu “testemunho”, que é replicado diversas vezes nas redes sociais por meio de robôs e humanos. Assim, o autor afirma que esse caso é diferente dos demais, pois em outras situações em que o conselho da ciência é dispensando fundamentava-se em “falsas controvérsias” criadas pelos ‘negacionistas’. E já no caso do atual Presidente Jair Messias Bolsonaro, não há um argumento de contra expertise para fundamentar seus discursos. Assim, os fatos não são criados por algum especialista no assunto para que o Presidente Bolsonaro utilize em seus discursos, mas os fatos circulam nas redes sociais após seus discursos com suporte de seus apoiadores (DUARTE, 2020:291). No entanto, Duarte afirma que nessa situação, “a máquina científica de construção de fato” prevalecerá (*ibidem*).

A temática das vacinas foi abordada em declarações presidenciais ao longo da pandemia, como a ocorrida em 31 de agosto de 2020. O Presidente Jair Bolsonaro afirmou que a vacina não deveria ser obrigatória. Esta fala provocou grande repercussão em diversos grupos antivacina no país, conforme análise da União Pró-Vacina (UP-Vacina)²². No dia seguinte, a Secretaria Especial da Comunicação da Presidência da República/SECOM, reiterou a fala do Presidente por meio de material publicitário veiculado nas mídias sociais oficiais do governo, via *Facebook* e *Twitter*. A UP-Vacina fez análise das publicações e manifestações do presidente do dia 31 de agosto ao dia 02 de setembro²³. As 14 publicações realizadas pela SECOM, que reforçaram a retórica presidencial, obtiveram 773 interações. Destas, 426 reações, 83 compartilhamentos e 264 comentários.

Os pesquisadores da UP-Vacina, afirmam que num contexto onde “as campanhas de desinformação contra as vacinas” estão em produção acelerada, a postura tomada oficialmente pela Presidência da República contribui para que os grupos radicais disseminem em uma ampla escala a desinformação acerca de questões da saúde nas redes sociais, o que colabora na potencialização de ataques sem fundamentos acerca das pesquisas de vacina contra o novo coronavírus e demais doenças de forma geral (UOL, 2020). A União Pró-Vacina ainda destacou que a SECOM aparenta ter agilidade e uma estrutura que possibilita disseminar informações que podem incitar desconfiança acerca das vacinas.

²² Um exemplo que se destaca na Pandemia da Covid-19, no combate às *fake news* é a União Pró-Vacina (UPVacina) desenvolvida pelo Instituto de Estudos Avançados (IEA), Polo Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo (USP) em parceria com outras Instituições, atua no enfrentamento à desinformação acerca da temática das vacinas e assim planeja e organiza ações conjuntas entre as parcerias; e é responsável por produzir materiais informativos, eventos, desenvolvimento de games, combate às fake news.

²³ Uol. Posicionamento presidencial sobre vacinação repercute em grupos antivacina. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/09/09/posicionamento-presidencial-sobre-vacinacao-repercute-em-grupos-antivacina.htm>>. Acesso em 04 dez 2020.

A atitude antivacina como vimos anteriormente é prévia à pandemia da Covid-19, e o movimento antivacina emergiu no interior da comunidade acadêmica, tendo como pioneiro o pesquisador Andrew Wakefield e colegas, quando lançaram na *The Lancet*, em 1998, artigo sobre uma possível ligação entre a vacina Tríplice Viral e o aparecimento de autismo (JOLLEY & DOUGLAS, 2014; OLIVEIRA *et al*, 2020). A repercussão desta controvérsia foi muito crítica na academia sendo o artigo posteriormente retratado pela própria revista científica. Depois de investigações realizadas pelo *The Sunday Times*, jornal britânico, ficou comprovado que havia pais que voluntariaram as crianças para a pesquisa, haviam feito isso por indicação de um escritório de advocacia, no intuito de futuramente processar a indústria farmacêutica (OLIVEIRA *et al*, 2020:94). No entanto, a repercussão dos resultados apresentados por Wakefield, mesmo sendo desmascarados, cresceu e contribuiu para a formação de um movimento antivacina pelo mundo (CAPRON, 2015).

Por outro lado, Hobson-West (2007) aponta que o acontecimento com Wakefield foi importante por ter incentivado um crescente interesse social científico na temática acerca da vacinação infantil. O autor, estudou como os *Vaccine Critical groups* – o autor apelida assim, os grupos de pais que se organizam em resistência à vacinação, seja por meio de campanhas contra à imunização ou para desafiar algumas características da política vacinal – constroem as noções de risco e confiança nas vacinas e de que modo isto afronta o discurso hegemônico da vacinação. O autor encontrou na literatura social-científica uma gama de análises qualitativas em que foram entrevistados pais e profissionais de saúde. Dos fatores que influenciam na decisão para se tomar a vacina tríplice viral ou não estão: experiência do nascimento da criança, experiência prévia com serviços de saúde; conversas com amigos e família (HOBSON-WEST, 2007: 199). Desse modo, o autor atenta:

“Isto imediatamente alude à importância da confiança e, portanto, o relacionamento perdido entre o risco e confiança. Uma implicação mais ampla é que o contexto social é crucial e será perdido, ou simplificado, por meio de um foco estreito na percepção individual sobre risco. Este argumento está localizado dentro de uma tradição ‘interpretativista’ (Gabe 2004) ou ‘construtivista’ (Wynne 1995) na pesquisa de risco”²⁴. (HOBSON-WEST, 2007: 199)

Hobson-West (2007: 200), explica que a tomada de decisão para se imunizar, algumas vezes, está menos relacionada à confiança em um aviso do Departamento de Saúde e mais relacionada a uma desconfiança acerca do conhecimento que explique a não vacinação. Assim,

²⁴ A tradução deste trecho de Hobson-West (2007) foi realizada pela própria autora em estilo livre.

a “confiança” seria uma ação relacional intrincada atuante em diversas esferas: individual, sócio-política, institucional.

Nesta temática de desconfiança sobre os fatos científicos para se compreender porque se rejeita ou se aceita as declarações fundamentadas em evidências científicas relacionados aos avanços tecnológicos e médicos, é preciso entender a associação a fatores tais como ideologias, no sentido de estruturas cognitivas de ideias, atitudes e valores dispostos cerca de uma questão abstrata – para que se ampare essas atitudes (CONVERSE, 2006). Segundo Kraft et al (*apud* MARQUES *et al*, 2021), há evidências crescentes de que a rejeição à ciência tenha como motivação *ideologias subjacentes*, tais como: identidade religiosa e o conservadorismo político. Outros autores acreditam que há uma heterogeneidade ao que concerne a fatores que determinariam esta rejeição (MARQUES *et al*, 2021).

Conforme Kata (2010), a rejeição à vacinação infantil foi relacionada a crenças como: uma conspiração criminosa governamental; um atentado contra liberdades; sendo assim compatível à desinformação vacinal. A antropóloga Anna Kata (2010), analisou websites que disseminavam informações contra a imunização e verificou que entre os principais argumentos sobre a temática eram: eficácia, segurança, liberdades civis, teorias conspiratórias. Para além dos argumentos encontrados, a autora afirma que encontrou-se moralismo e desinformação.

As teorias conspiratórias têm ganhado notoriedade nos estudos de distintos autores no que diz respeito ao comportamento e atitude em relação à intenção de se vacinar (KATA, 2010; JOLLEY e DOUGLAS, 2014; ROOZENBEEK *et al*, 2020; MARQUES *et al*, 2021). Essas teorias têm sido percebidas como um dos obstáculos para a imunização. Marques et al (2021) resgata o conceito de “conspiracismo” ou “ideologia conspiracionista”, no sentido de atitude anticiência, sendo compreendido como uma “tendência geral para se engajar em explicação sobre a causa, ou ocultação, de ameaças ao bem-estar humano decorrentes de uma rede secreta de (supostos) atores malévolos” (Swani *apud* Marques et al, 2021:2).

Para Uscinski (*apud* MARQUES *et al* 2021:3), há algumas características comuns associadas à rejeição das ações científicas, como, por exemplo uma desconfiança nas ações das autoridades. Assim como, há diferenças nos tipos de conspiração anticiência, no caso das retóricas anti-imunização, geralmente, argumenta-se que a indústria farmacêutica e o governo estão ocultando algumas informações acerca de efeitos colaterais e eficácia das vacinas (KATA, 2010). Segundo Marques *et al* (2021:3), estas retóricas anticiência causam um impacto maior do que atitudes, pois uma vez que as pessoas são expostas à desinformação – as teorias da conspiração estão presentes aqui – isso pode leva-las à uma descrença na imunização.

Em estudo realizado por Marques *et al* (2021:10) sobre a associação entre as teorias de conspiração e rejeição à inovação científica, coletaram-se dados na Nova Zelândia e Austrália. Sobre a atitude anticidência relacionada à vacinação, verificou-se nesta pesquisa, que havia uma forte conexão com o crescimento de uma prevaricação do governo e crenças conspiratórias acerca do bem-estar individual. Já no estudo realizado por Jolley e Douglas (2014), sobre intenção vacinal e teorias da conspiração, em que se dividiu os participantes em dois grupos: um que seria expostos a um material que dava suporte a teorias da conspiração antivacina; e o outro que foi exposto a um material de anticonspiração. Os resultados mostraram que o primeiro grupo demonstrou ter menos disposição a tomar vacina em relação ao segundo grupo. Assim, os autores apontam que as implicações acerca das teorias da conspiração acerca da temática antivacina podem ser prejudiciais e, com efeito, estas possuem um papel potencial na constituição dos comportamentos referentes à saúde.

Em suma, vimos que as campanhas de desinformação e o uso das tecnologias para se disseminar informações por meio da utilização de robôs tem consequências sócias ambíguas, visto que podem ser usadas de forma a ser útil ou para propagar falsas informações sendo prejudicial à população em geral. Assim, vimos que na infodemia as pessoas estão sendo bombardeadas por uma cascata de informações e, por isso é mais difícil se saber qual fonte se confiar. Na questão da imunização, verificamos que as pessoas que uma vez são expostas às *fake news* acerca da temática demonstrar ter uma menor intenção de se vacinar, o que é problemático, visto que mesmo com os avanços das vacinas, endemias e pandemias ainda são uma preocupação por conta da desconfiança nos sistemas peritos, de expertise científica e nas mídias. A imunização é no Brasil um direito garantido pelo Estado, gratuito e um avanço das tecnologias da saúde reconhecido mundialmente, no entanto, devido às circunstâncias da era da pós-verdade é colocada em cheque e ameaçada pelas estratégias da desinformação e movimentos antivacina destas resultantes.

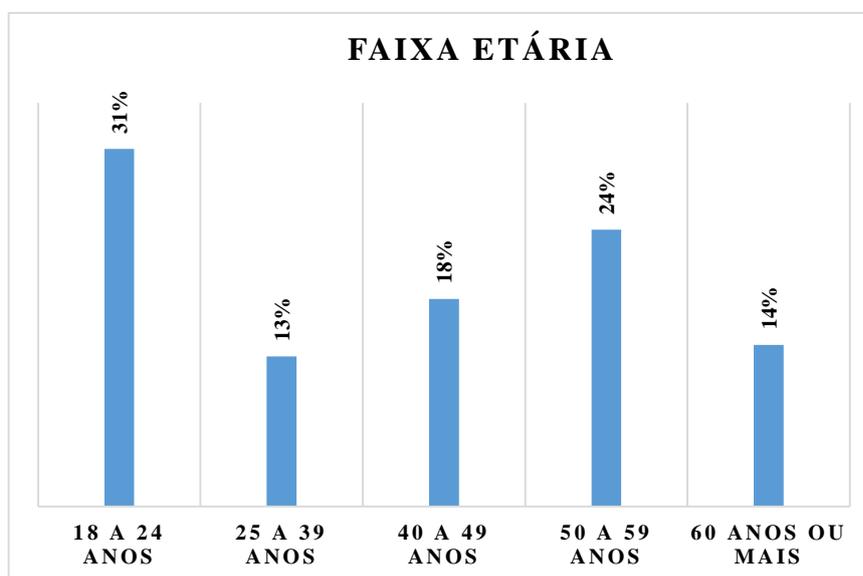
Capítulo 2 - Análise de Dados

Este capítulo está dividido em três seções, sendo a primeira sobre o perfil socioeconômico dos entrevistados que inclui dados como faixa etária, raça, cor, escolaridade, renda e religião. Na segunda seção, abordaremos o “bolsonarismo” no Distrito Federal, categorizamos os apoiadores em dois tipos: a de apoiadores fiéis e a de apoiadores críticos ao Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro. Em seguida, apresentaremos a dimensão dos posicionamentos políticos encontrados entre os apoiadores, que é majoritariamente conservador e de direita. Por fim, daremos atenção aos dados sobre as vacinas contra a Covid-19 e trazendo uma abordagem sobre a (des)confiança nos sistemas peritos.

1. Perfil Socioeconômico

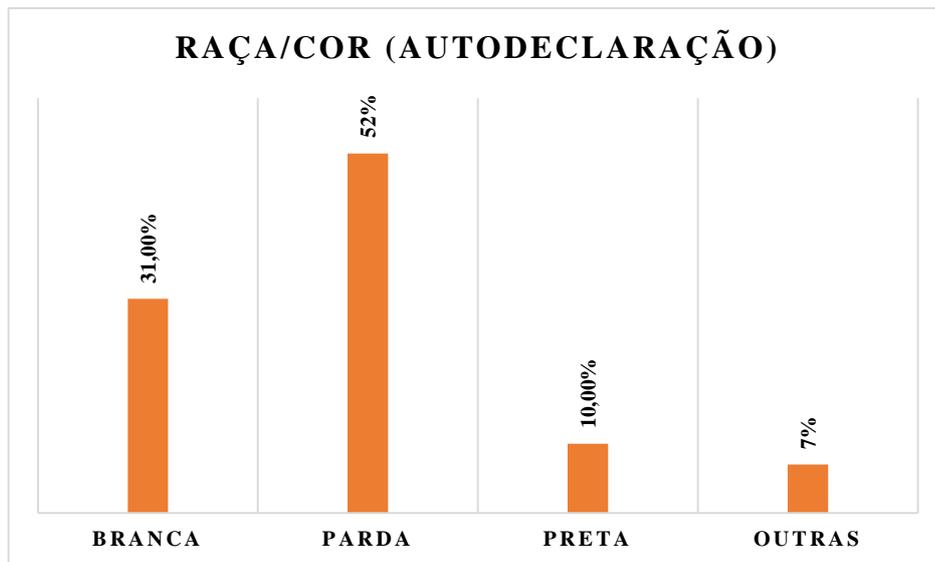
Os dados utilizados neste trabalho derivam de uma amostra composta por 29 pessoas, sendo: 13 mulheres e 16 homens. A faixa etária da amostra é ampla, compreendendo indivíduos entre 19 e 68 anos, conforme consta no gráfico seguinte. A faixa etária com maior percentual foi entre 18 a 24 anos (31%), seguida de 50 a 59 anos (24%). O perfil comum a todos os entrevistados foi a escolaridade mínima comum do Ensino Médio completo. Houve um esforço inicial, para que a amostragem tivesse um recorte geográfico delimitado em torno de pessoas do Distrito Federal, cuja distribuição de renda fossem semelhantes. No entanto, houve dificuldades para compor os entrevistados com esse perfil, sendo necessário “afrouxar” os critérios colocados *a priori*.

Gráfico 1: Faixa etária



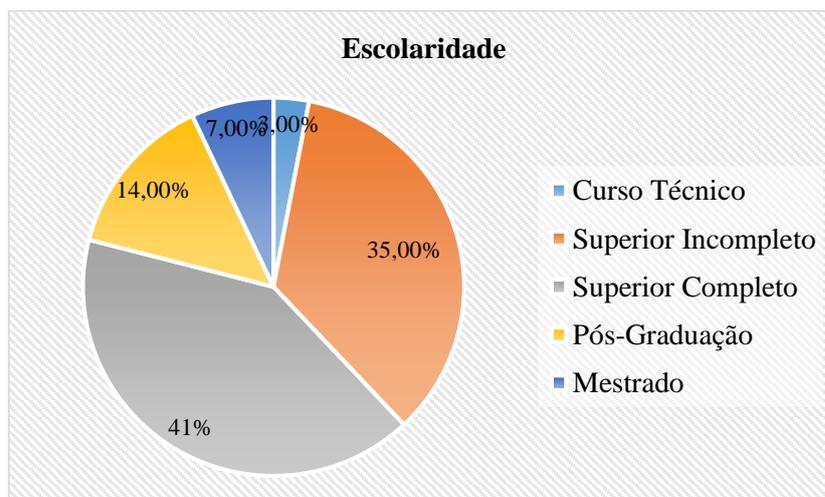
O gráfico 2 mostra a relação de raça/cor por autodeclaração. A soma de pessoas pretas é de 10p.p., e de pessoas pardas chega a um total de 52p.p. - sendo assim maioria absoluta e, se somadas chega-se a 62p.p., o que representa uma maior porcentagem em relação às outras categorias. Em segundo lugar, há um percentual de 31% de pessoas brancas. A categoria “outras” inclui uma pessoa que não quis se identificar e outra que se autodeclarou mestiça.

Gráfico 2: Distribuição quanto às variáveis raça e cor



Fonte: Elaboração própria, Brasília, DF, 2021.

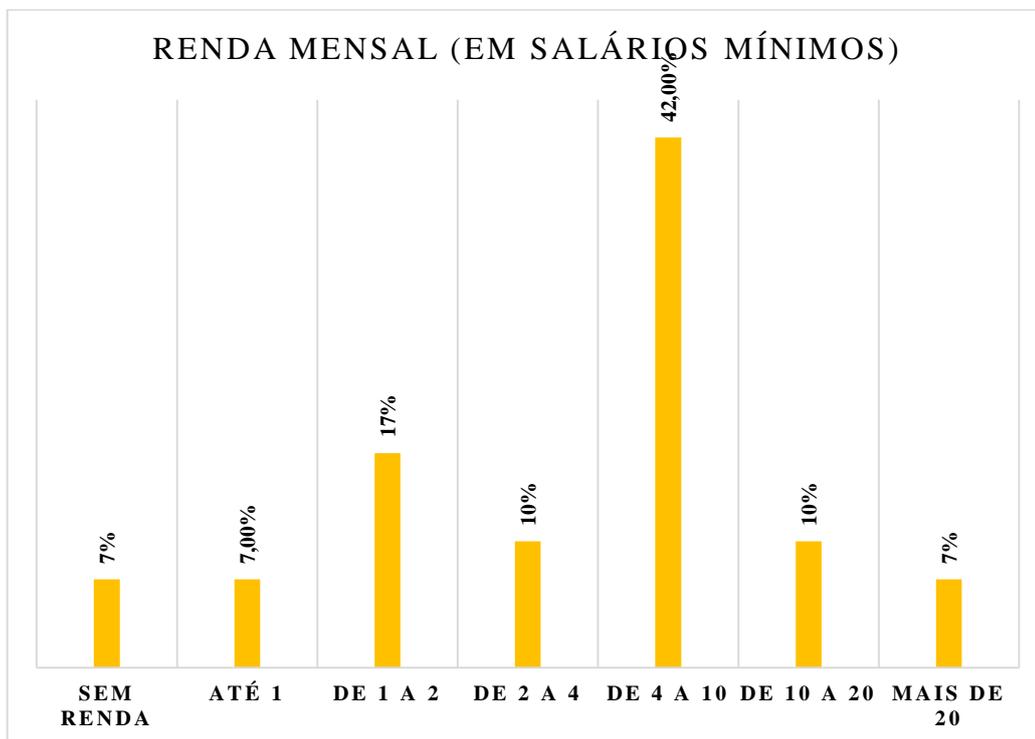
Gráfico 3: Escolaridade



Fonte: Elaboração própria, Brasília, DF, 2021.

O gráfico 3 mostra que 35% das pessoas entrevistadas possuem o ensino superior completo. E um pouco mais do que isso possuem o ensino superior incompleto (41%). A categoria pós-graduação (*stricto sensu*) somada à categoria mestrado é de 29,20%. Assim, nota-se que os participantes da pesquisa possuem majoritariamente uma formação superior. Nota-se que entre os entrevistados no que diz respeito à escolaridade, todos apresentam a formação de Ensino Médio completo.

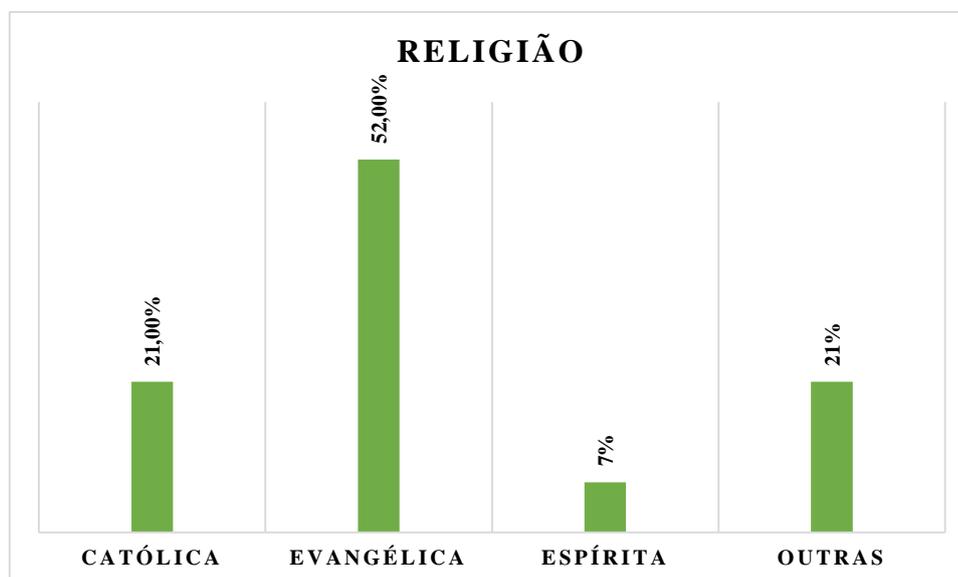
Gráfico 4: Renda Mensal



Fonte: Elaboração própria, Brasília, DF, 2021.

Observando o gráfico 4, temos a disposição dos participantes em distintas faixas salariais, o que demonstra a diversidade de pessoas participantes na presente pesquisa. Mas, marcadamente, a concentração maior está na faixa salarial entre 4 a 10 salários mínimos.

Gráfico 5: Religião



Fonte: Elaboração própria, Brasília, DF, 2021.

Na variável religião, apresentada no gráfico 5, a categoria “outras” incluiu algumas pessoas que afirmaram não ter religião e outras que se consideram cristãs, mas não católicas ou evangélicas. A categoria evangélica (52%) é maioria absoluta. No entanto, se somarmos a categoria católica e a evangélica, mais os cristãos da categoria “outras”, teremos um total de 86% de cristãos entre as pessoas entrevistadas.

2. “Bolsonarismo” no Distrito Federal

De acordo com Solano (2020), a popularidade do Presidente Jair Bolsonaro consolidou-se ainda na época do processo de *impeachment*, entre 2015 e 2016, baseadas em elementos, tais como: “retórica anti-sistema; anti-partidária; anti-petismo, como, por exemplo a oposição ao Partido dos Trabalhadores (PT); anti-esquerdismo; ideologia conservadora; neoliberalismo, e apoio da base política evangélica e militar” (SOLANO, 2020:210). Assim, a autora aponta que o “bolsonarismo” e sua vitória nas urnas não seriam um fenômeno limitado apenas ao espectro individual, mas vai além, por tratar-se de uma matriz ideológica com “fortes raízes sociais” (SOLANO, 2020:210).

O resultado da crescente popularidade de Bolsonaro desde 2015 foi visto nas urnas nas eleições de 2018. Segundo Nicolau (2020:8), nas eleições presidenciais em 2018, o então

candidato, Jair Bolsonaro, venceu “em todos os estados das regiões Sul e Sudeste” do país, conquistou “os eleitores de alta escolaridades” e moradores de bairros nobres, de alta renda nacional. No Distrito Federal, na eleição em questão, no primeiro turno, Bolsonaro (58,37%) recebeu a maioria absoluta de votos e Fernando Haddad (11,87%) ficou em terceiro lugar, logo após Ciro Gomes (16,6%). No segundo turno, Bolsonaro (69,99%) ganhou na capital e Fernando Haddad (30,01%) recebeu número significativamente menor de votos²⁵. Em nível nacional, o resultado foi em primeiro lugar Jair Bolsonaro (55,13%) e, em segundo lugar, Fernando Haddad (44,87%)²⁶.

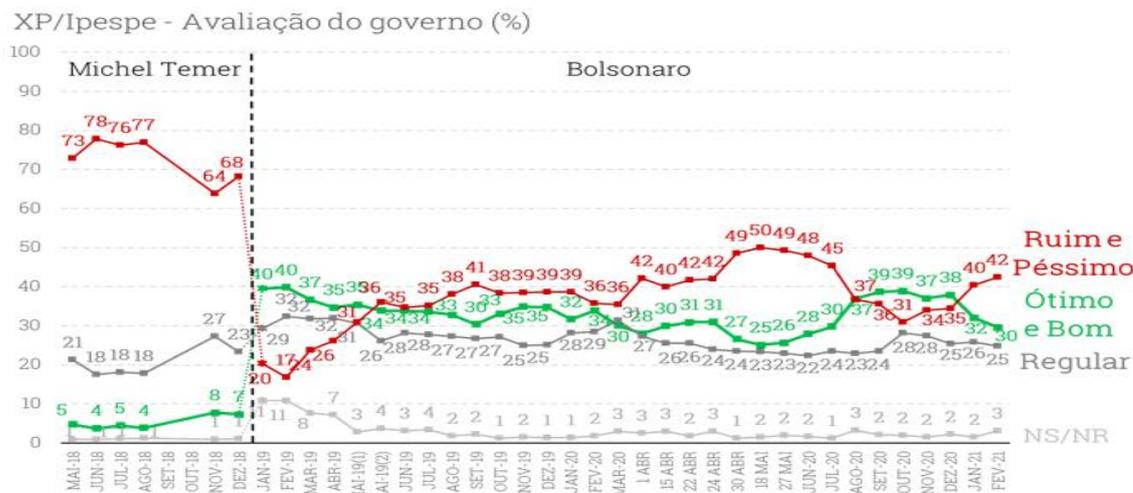
Conforme Cesarino (2020:406), algumas análises e pareceres de lideranças populistas que ascenderam ao poder em distintos países por meio das mídias sociais demonstraram similaridades com o caso do Brasil, de Jair Bolsonaro teve uma “ascensão meteórica”. Dentre estas semelhanças estão o conteúdo e distintos tipos de nacionalismo, “anti-elitismo, anti-secularismo, punitivismo vigilante e legal” (CESARINO, 2020:206). Para alguns autores, os suspeitos são o financiamento neoliberal e a crescente “digitalização da vida” (CESARINO, 2020:406).

No contexto de pandemia, de acordo com a pesquisa XP/IPESPE de fevereiro de 2021, a aprovação do governo de Jair Bolsonaro teve seu maior índice na avaliação positiva, nos meses de setembro e outubro de 2020, com 39%.

²⁵ Folha de São Paulo. Mapa de apuração das eleições presidenciais. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/eleicoes/2018/veja-o-mapa-de-apuracao-de-todas-as-cidades-do-brasil/#/cargo/presidente/local/distrito-federal/turno/1/mapa/estadual/municipio/brasil/5300108>>. Acesso em: 31 mar 2021.

²⁶ Folha de São Paulo. Resultado da apuração para presidente no 2º turno. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/eleicoes/2018/apuracao/2turno/brasil/>. Acesso em: 17 dez 2020.

FIGURA 1: Gráfico da Avaliação do governo (%) XP/Ipespe²⁷



no governo, com seus valores e dão suporte de forma mais ativa participando de manifestações pró Bolsonaro.

No presente estudo, os resultados encontrados mostram que os apoiadores entrevistados do Presidente Jair Messias, no Distrito Federal, são majoritariamente conservadores; uma pequena parcela afirma ser liberal e uma pessoa afirmou ser monarquista parlamentarista. Do total da amostra, verificou-se que a maioria dos entrevistados são apoiadores críticos e, pouco mais de um terço da amostra, é de apoiadores fiéis – dentre estes todos são conservadores. Mesmo sendo categorizados como apoiadores críticos, estes afirmaram apoiar a condução do presidente durante seu governo e deixaram explícito não serem apoiadores radicais.

Quando questionados quais seriam os motivos para serem apoiadores do Presidente Jair Bolsonaro, as respostas foram, majoritariamente, de que não haviam se arrependido de seu voto, no entanto, relataram não concordar com tudo que Bolsonaro faz ou diz, ou seja, não seriam apoiadores radicais, mas sim com algumas ressalvas.

“Eu não concordo com tudo o que fala, por que se concordar com tudo o que uma pessoa fala já seria um fanatismo. Eu discordo de muita coisa que ele fala, mas concordo também com várias coisas. O apoio que eu faço dele é devido a essas reformas que vão fazendo. E assim, verificando também que outras pessoas, a gente vai escolher entre o bom ou o ruim, ou pelo menos pior. Você tem que escolher pelo menos uma opção que não é tão ruim. Nesse momento eu estou apoiando, porque eu não consigo ver uma outra pessoa que seria melhor. E muita coisa eu discordo e claro que muito a concordar” (Entrevista 5, grifo nosso).

“Eu votei nele, por isso me considero um apoiador, mas nada no sentido radical, de intolerância ou de ódio, essas coisas não, de forma alguma. Como apoiador, no meu caso, eu considero porque eu tento sempre que possível defender quando eu vejo que ele está certo, que ele fez coisas certas. E declaro abertamente meu voto a ele e meu apoio às pautas dele por isso me considero apoiador dele. Na questão econômica, essas reformas políticas, reforma da previdência, reforma administrativa, são pautas que eu compactuo com ele. Na questão do combate ao tráfico de drogas, do crime organizado. A reforma trabalhista, que não foi ele que fez, mas tenho visto que ao longo do ano passado e desse ano, os empregos foram sendo gerados. A desburocratização e a desestatização também são pautas que me atraem nele” (Entrevista 7, grifo nosso).

“Se apoiador for falar que tudo que ele faz eu concordo, mas se for falar que é um cara que eu ainda votaria, aí sim. Tem muita coisa que concordo e tem muita coisa que discordo, tem algumas coisas que eu falo “viajou” e outras que eu fala “gênio”. Qualquer governante que eu fosse colocar lá ia ser assim. Não vejo ele como um péssimo governo, eu vejo ele como um governo regular. A pandemia está atrapalhando muito. Acho que tem alguns posicionamentos que o Bolsonaro tem em certo momentos que deveriam ser como líder de Estado, de nação não só de candidato. Eu não gosto da forma dele governar fazendo já campanha. Eu também não gosto do jeito que ele se relaciona, principalmente, com a Câmara dos Deputados e Senado, esse jogo de toma lá e vem cá, que foi até uma promessa dele de não fazer isso, mas está fazendo. A questão dos filhos dele também não gosto, porque querendo ou não a gente fica meio pé atrás, ainda não se comprovou, mas se ele não tomar um posicionamento ele vai perder muito apoiador em cima disso” (Entrevista 11, grifo nosso).

“O ponto principal que me convenceu a votar nesse presidente foi essa iniciativa dele de acabar com essas negociatas que prejudicam o nosso país. Porque era bom pra quem tá lá em cima, pra quem tá no governo, mas o povo é o maior prejudicado. Porém, por falta de conhecimento, enganado com pão e circo, um grande manipulador da população. O que me chamou atenção nele foi essa coragem de ir contra o sistema, de tentar mudar. Muitas pessoas não conseguem ver essa forma dele trabalhar, ele bateu de frente com tudo e isso eu achei muito interessante. Mas tem uma outra parcela dele que eu não concordo (...) eu prezo pelo bem-estar do país. O nosso país ele vem de uma sequência de prejuízos de presidentes que continuam com a mesma forma de atuar prejudicando o país. Nesse caso, eu não concordo 100%, mas eu me simpatizo e vejo alguma coisa que o atual presidente tem feito que me fizeram votar nele, porém tem algumas condutas que eu não apoio (Entrevista 28, grifo nosso).

Alguns apoiadores disseram ser apoiadores fiéis, apresentando em suas falas suportes, por alguns terem ido às passeatas, demonstrando isso nas ruas. Assim, como afirmaram concordar com as soluções colocadas pelo governo de Bolsonaro, com suas ideias políticas (liberalismo e conservadorismo) e morais concernentes à família, anticorrupção.

“Sim, me considero um apoiador do presidente Bolsonaro hoje. Eu não me arrependo em nenhum momento, continuo confiando no voto que eu dei. Muitas coisas que poderiam ter sido mudadas, não foram mudadas ainda por causa de uma grande resistência para mudar. Desde a suprema corte, passando pelo Congresso e até a imprensa, até órgãos do governo e da imprensa que fazem uma forte oposição a tudo que é colocado como mudança (...) eu continuo apoiando e sempre apoiarei. Não tenho motivo para deixar de apoiar e nem mudar o voto que eu dei. Todos os momentos de crise, as soluções apresentadas pelo governo são coerentes com a plataforma de governo e com o que ele vem pregando” (Entrevista 2, grifo nosso).

“Muitas ideias que ele (Bolsonaro) apresenta são ideias liberais, e eu apoio. E tem meu apoio” (Entrevista 4, grifo nosso).

“Sim. Fui aos manifestos, sempre que possível eu participo de algum abaixo assinado – com temas ligados a preservação de valores, contra-corrupção, família, essas coisas” (Entrevista 6, grifo nosso).

Bolsonaro costumeiramente se apresenta de um modo caricatural reafirmando seus posicionamentos de apoio à família, a Deus e a pátria, o que parece ter gerado entre seus apoiadores uma identificação com seus valores.

2.2. Posicionamento Político dos apoiadores

Neste item, apresentaremos os posicionamentos políticos dos apoiadores de Bolsonaro desta pesquisa. É importante pontuar brevemente as noções do que seria a direita e a esquerda no âmbito da política. Débora Messenberg (2017:622), resgata essas noções no texto clássico de Bobbio: ‘Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política’ (1995). Bobbio

pontua que diversos princípios que são encontrados tanto na direita quanto na esquerda se manifestarão diferentemente nestas ideologias, visto que na política concreta não há blocos homogêneos. Como por exemplo o conservadorismo ou o populismo que serão distintos em cada uma das ideologias. No entanto, para Bobbio seria possível conceber de forma geral que a esquerda seria guiada “para a promoção da igualdade entre os homens e para a mudança da ordem social”, ao passo que “a direita concebe a desigualdade como algo intrínseco à humanidade e mantém o apego às tradições e à preservação do ordenamento societário” (MESSEMBERG, 2017:622). Conforme o autor afirma:

Na esquerda, dá-se o primado do igualitarismo sobre os direitos da propriedade e do livre comércio, o racionalismo, o laicismo, a crítica das limitações ético-religiosas, a inexistência de conceitos absolutos de bem e mal, o desprezo à oligarquia, a preservação do meio ambiente e os interesses dos trabalhadores, que devem prevalecer sobre a necessidade de crescimento econômico, o antifascismo e a identificação permanente com as classes inferiores da sociedade. A direita – como aponta Bobbio (1995) – move-se por outros ideais que envolvem: o individualismo, a supremacia da propriedade privada e da livre iniciativa, a intuição, a primazia do sagrado, a valorização da ordem e da tradição, o elogio da nobreza e do heroísmo, a intolerância à diversidade étnica, cultural e sexual, o militarismo e a defesa da segurança nacional, o crescimento econômico em detrimento da preservação ambiental e dos interesses imediatos dos trabalhadores, o anticomunismo e a identificação permanente com as classes superiores da sociedade” (MESSEMBERG, 2017: 622-623).

Na presente pesquisa, quanto ao questionamento no que tange ao posicionamento político dos “bolsonaristas”, a maioria das pessoas responderam ser de direita ou ser “mais para a direita”. Alguns perguntaram o significado do que seria ser liberal e conservador. Outros afirmaram que seriam “conservadores nos costumes e economicamente liberal”, como podemos verificar nos trechos extraídos das falas:

“Eu sou analfabeta política, já me descrevo assim porque eu não tenho nenhum interesse em pesquisar sobre partido político. Quando eu vou escolher meus candidatos eu confiro as propostas deles superficialmente. Não, não tenho nenhum (posicionamento), nem esquerda, nem direita. Mas sou mais pra direita do que para esquerda. Eu sou mais conservadora do que liberal” (Entrevista 3, grifo nosso).

“Eu me considero de direita, conservador e liberal. Acho que esses três adjetivos caracterizam o que eu penso politicamente. Eu sou de direita, compactuo mais com a direita, especialmente com a ideologia de direita. E me considero conservador nos costumes e economicamente liberal” (Entrevista 7, grifo nosso).

“De direita, eu sou conservadora” (Entrevista 9, grifo nosso).

“Sinceramente, eu me considero um cara com um ideal de direita com a relação econômica, até um pouco liberal economicamente falando, conservador nos princípios, claro. E, acho que por isso que me identifico mais com a direita. Eu acho

que o viés social é importante sim, acho que o Estado tem que fazer a parte dele, mas o Brasil não está pronto para viver só de viés social” (Entrevista 11, grifo nosso).

“Mais de direita, mais conservadora. Acho que tendo a ser de direita e conservador, nada extremo. Acho que temos que ponderar, não é porque um político se diz de direita você deve ir com tudo que ele falar” (Entrevista 12, grifo nosso).

“O meu posicionamento, eu sou conservador. Anticomunista. É uma relação muito complicada de explicar, mas no geral, eu sou a favor da liberdade, que meio que é o anticomunismo. Eu sou a favor da liberdade, da iniciativa privada, do livre comércio e tudo relativo à propriedade privada. Da menor intromissão do Estado na vida do particular” (Entrevista 24, grifo nosso).

“Eu sou da direita digamos assim, mais pra esse lado do liberalismo econômico, capitalismo mesmo e tudo que ele prega hoje” (Entrevista 26, grifo nosso).

“Olha, eu sou mais para direita. Eu não me considero nem de direita, nem tão pouco de esquerda. Eu voto de acordo com aquele que vai com os meus princípios. Aqueles que estão de acordo com os princípios bíblicos. Que é luta a favor da família”. (Entrevista 10, grifo nosso).

Meu posicionamento político pode ser considerado um pouco mais voltado para a direita, mas dependendo das questões, eu tenho muito em comum também com a esquerda. Em questões, por exemplo, tudo aquilo que tange o indivíduo em si e na liberdade individual. Como o uso de drogas, o que não faz mal a terceiros, não deve ser proibido. Depende muito do que cada um defende. No geral, direita” (Entrevista 18, grifo nosso).

Para alguns dos apoiadores entrevistados, Bolsonaro seria uma saída para combater a esquerda, a corrupção e como muitos colocaram para gerar uma “mudança” no Brasil, era a mudança necessária. Na percepção dos “bolsonaristas” entrevistados, a esquerda destruiria os valores que são defendidos por eles. Em relação a esses valores percebe-se que várias pessoas possuem um posicionamento firme contra o aborto, contra a ‘ideologia de gênero’. E alguns demonstraram ser a favor: do patriotismo; do civismo; da disciplina; do liberalismo; da família; do armamentismo. Não necessariamente, são contra a união homoafetiva, mas alguns afirmaram não ser a favor da legalização do casamento entre homoafetivos. Abaixo trouxemos algumas citações das entrevistas acerca desta temática.

“Uma coisa que eu gosto dele, mas acho que ele exagera um pouco na sua medida é **um pouco do civismo e do patriotismo** que nós temos que resgatar no povo brasileiro” (Entrevista 1, grifo nosso).

Eu votei nele, por isso me considero um apoiador, mas nada no sentido radical, de intolerância ou de ódio, essas coisas não, de forma alguma (...)Um ponto positivo dele é a sinceridade, a forma como ele trata a questão **pro-vida**, por exemplo, pelo fato dele ser **contra o aborto** é uma questão que me atrai bastante a ele. Essa questão do patriotismo, eu acho uma coisa boa nele, a questão de querer trazer de volta para as escolas **a disciplina de moral cívica**, a questão da disciplina nos colégios” (Entrevista 7, grifo nosso).

“Os valores, primeiro o aborto, nós somos contra o aborto de forma indiscriminada. Hoje já existe uma legislação no Brasil, que permite o aborto naquelas três situações: em caso de estupro, anencefalia e risco para a vida mãe. Agora generalizar o aborto eu sou contrário. Outra coisa que ele defende que eu também acho que é um ponto positivo é **contra a legalização do casamento homoafetivo**. A geração dos homossexuais hoje já estão protegidos com relação à união estável. Agora homologar como legalização ao casamento. O casamento hoje pela própria constituição hoje é entre homem e mulher. O supremo está determinando algumas coisas que são anti-constitucionais. Cada um tem a vida que quiser, mas só estou colocando em termo de valores” (Entrevista 8, grifo nosso).

“Acredito que sim. Uma, acho que defender **os valores da família** já ajuda a ter uma sociedade melhor, uma sociedade mais saudável, né. Então essa parte aí, **não tendo aborto**, nem ideologia, já ajuda a sermos uma sociedade melhor, um país melhor” (Entrevista 9, grifo nosso).

“Tem o fato de ele ser contra o aborto, apesar de eu ser a favor da liberdade individual, eu não acredito que ela possa prejudicar terceiros, tem que ser uma liberdade que você tem que ter pra justificar a si mesmo ou não, agora a partir do momento que você começa a entrar no espaço de terceiros, aí já não é mais liberdade individual” (Entrevista 18, grifo nosso).

Quando perguntamos aos entrevistados se já haviam participado de alguma passeata ou manifestação pró-Bolsonaro, um número expressivo de pessoas afirmou terem participado de passeata, mas poucas pessoas participaram de passeatas durante o período de isolamento social, ou seja, no período de pandemia da Covid-19. As percepções sobre essa temática, temos:

Já participei de duas, não especificamente ao Bolsonaro, mas ao governo, no final de 2019. Na época em que o Sergio Moro ainda fazia parte do governo. Depois não fui mais. Fui para mostrar força do apoio popular ao presidente e ele precisa e precisamos mostrar nas ruas que ele tem o apoio popular. Se a gente ficar em casa escondido as pessoas não vão saber e nem o presidente vai saber se ele tem o apoio para as coisas que ele está fazendo. E outra coisa, tem coisa que a gente precisa ir pra rua. Essas passeatas foram na Esplanada em frente ao Congresso, teve muitas das passeatas que eram um recado para o Congresso. O congresso precisa saber que a gente tá atento e vigilante, a gente precisa ir pra rua. Eu não sou de fazer isso, mas às vezes a situação exige que você vá. Senão esses caras acham que está tudo bem, que a gente está conformado com isso, que a gente eventualmente vá estar arrependido com o voto que deu. Eu ainda não estou arrependido e espero que não até o final do governo” (Entrevista 2, grifo nosso).

“Já. Durante o governo dele e eu realmente acredito que é importante fortalecer a presença pública nos seus debates em relação ao STF, em particular. E, particularmente, contra a decisão de prisão em segunda instância, que eu acho que foi um erro grave nas decisões tomadas pela política e justiça brasileira. Por que havia ali um momento muito importante de tomar uma decisão, essa decisão foi tomada politicamente e não foi tecnicamente do judiciário. E vai custar caro ao Brasil, ao futuro. Não estou falando da pessoa de Lula, estou falando do sistema. E era importante ter participação de um apoio público. Fui, gostei, tinha muito mais gente do que eu imaginava. Infelizmente, essa expressão popular não foi ouvida, ou seja, foi revogada a prisão em segunda instância, não vai ser aprovada no Congresso, pois não vai ser colocado em votação, isso vai ser empurrado de barriga até os fins da história. E o Brasil perdeu uma chance de estar na direção correta” (Entrevista 4, grifo nosso).

“Eu já. Esse ano eu participei de várias, foi no início da pandemia, no início e durante, mas agora eu dei uma parada. Até o meio desse ano eu estava participando. Depois que prenderam a Sarah Winter eu não fui mais. Ela eu não confio em nada que ela fala. Mas eu fui por causa dessa pandemia. E a razão de eu parar de ir é a seguinte: eu estava indo como apoiador, para demonstrar em adesão em apoio do presidente, mas o pessoal da imprensa estava colocando as pessoas que iam como apoiador fanático, pedindo o fechamento do STF, a volta do militarismo. Mas não é isso que aconteceu. Algumas pessoas entravam lá com a faixa de militarismo, mas isso era uma coisa isolada. Ali passou a destorcer tudo. Agora não sei se essas pessoas que estavam com faixa de militarismo apoiam realmente o presidente ou se eram infiltradas para querer desconstruir aquelas passeatas ali. Passei a observar que ao invés de ajudar isso estava prejudicando e a partir desse momento eu resolvi não ir mais” (Entrevista 5, grifo nosso).

“Já, nas passeatas. Esse ano, antes da pandemia e duas durante a pandemia. Porque eu acredito no governo Bolsonaro e essa seria uma maneira de apoiá-lo”. (Entrevista 6, grifo nosso).

Dos que participaram de alguma passeata pró Bolsonaro, notou-se que consideram importante a presença nas ruas, para demonstrar o apoio popular ao Presidente e para demonstrar a insatisfação em outras temáticas, tais como: foro privilegiado; prisão em segunda instância; pandemia. E poucas pessoas afirmaram “nunca” terem participado de passeata, tão pouco de manifestarem apoio a Bolsonaro.

3. As percepções sobre as vacinas contra a Covid-19

Em uma ‘live’ do Presidente Jair Bolsonaro, realizada no mês de setembro de 2020, o Presidente questionou a obrigatoriedade da vacinação contra a Covid-19 e perguntou a *youtuber* mirim, Eshter Castilhos, se ela aceitaria uma vacina não comprovada cientificamente²⁸. É importante ressaltar que ele já havia sancionado lei que permitia a vacinação compulsória como medida de enfrentamento à pandemia. E, no Brasil, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), artigo 14, parágrafo 1º, a vacinação das crianças é obrigatória quando houver recomendação por autoridades sanitárias²⁹. Segue o trecho da *live* de Bolsonaro com Esther Castilhos:

Bolsonaro: “Você gosta de tomar vacina?”

Esther: “Eu gosto, é muito melhor do que tirar sangue”.

Bolsonaro: “Mas você tomaria qualquer vacina, sem comprovação científica?”

Esther: “Sim”. (Terra Notícias, 2020).

²⁸Terra Notícias. Em ‘live’, Bolsonaro coloca vacina contra covid-19. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/coronavirus/em-live-bolsonaro-coloca-em-duvida-vacina-contracovid-19,25f1b94af87daa8febd03cc607770a05d0hqsrlyl.html>>. Acesso em: 06 maio 2021.

²⁹ Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm>. Acesso em: 06 maio 2021.

Em janeiro de 2021, iniciou-se a vacinação contra Covid-19 no Brasil, e, com isso, ocorreu a disseminação de diversas falsas alegações, sem comprovação científica, sobre morte e efeitos colaterais severos entre os grupos de debate político no *WhatsApp*. De acordo com a agência de *fact-checking*, Aos Fatos (2021), foram por volta de 149 mensagens abordando essa temática, nas quais foram compartilhadas 254 vezes, em 69 dentre os 122 grupos que são monitorados pela organização³⁰. O conteúdo destas mensagens variou de janeiro para fevereiro do ano de 2021. No primeiro mês deste ano, o teor era sobre supostos perigos causados pela imunização; já o no segundo, foram reproduzidos falsos relatos acerca de pessoas que haveriam falecido ou tido reações após se terem se imunizado contra Covid-19 (AOS FATOS, 2021).

Na pesquisa XP/IPESPE, realizada em janeiro de 2021, com entrevistas que abrangeram o território nacional, os participantes quando abordados acerca da “disposição de se vacinar”, 69% disseram que tomarão a vacina com certeza. Dentre os eleitores declarados do Presidente Bolsonaro, 58% afirmaram que irão se vacinar com certeza, enquanto 78% dos demais eleitores declararam tal intenção, uma diferença de 20p.p.”³¹. No entanto, a partir da amostra da pesquisa em pauta, nota-se que os apoiadores de Bolsonaro entrevistados, demonstraram estar acima da média nacional dos eleitores declarados do atual Presidente.

Durante a pandemia da Covid-19 foi possível notar como a exposição à ideias antivacina, quer seja por *fake news* das mais diversas e por teorias de conspiração em geral, pode ser nocivo para a saúde pública. Em plena segunda onda da Covid-19 no Brasil, houve hesitação vacinal aos imunizantes contra o novo coronavírus. Alguns exemplos foram encontrados no Distrito Federal³²; Minas Gerais³³, nos quais as pessoas alegaram ter medo da vacina.

Na presente pesquisa, verificou-se que a intenção de vacinação entre os entrevistados se enquadrava em três variáveis: a primeira, a dos que “não tomariam”, e só o fariam caso fosse obrigatório, foi a menos expressiva. A variável majoritária, foi a de pessoas que disseram que

³⁰ Aos Fatos. Falsos relatos de morte ganham espaço na desinformação sobre vacinas contra Covid-19 em grupos de WhatsApp. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/falsos-relatos-de-morte-ganham-espaco-na-desinformacao-sobre-vacinas-contracovid-19-em-grupos-de-whatsapp/>>. Acesso em: 16 abr 2021.

³¹ XP POLÍTICA. Pesquisa XP Janeiro 2021: Avaliação positiva de Bolsonaro cai 6 p.p em janeiro, avaliação negativa sobe 5 p.p.. Disponível em: < <https://conteudos.xpi.com.br/politica/pesquisa-xp-dezembro-2020-sao-paulo-avaliacao-positiva-de-bolsonaro-cai-6-p-p-em-janeiro-avaliacao-negativa-sobe-5-p-p/>>. Acesso em: 07 mar 2021.

³² Disponível em:<<https://www.metropoles.com/colunas/janela-indiscreta/secretaria-de-saude-identifica-resistencia-a-vacina-astrazeneca-no-df>>. Acesso em: 22 abr 2021.

³³ Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2021/01/25/interna_gerais.1232086/covid-19- pessoas-do-grupo-prioritario-recusam-vacina-em-coronel-fabriciano.shtml>. Acesso e,m: 03 mai 2021.

“sim tomariam” – mesmo algumas tendo relatado algum tipo de desconfiança acerca da imunização. O restante da amostra disse que “sim tomariam, mas não no início da vacinação”, parcela maior que a dos que “não tomariam”.

Entre as pessoas que “não tomariam” a vacina contra a Covid-19, a motivação principal, que apareceu com mais frequência nos relatos destes apoiadores foi de que “não houve tempo hábil para a testagem”. Destas razões para não se vacinar notamos que há uma desconfiança acerca dos sistemas peritos, não se confia que em tempo hábil curto os cientistas e a indústria farmacêutica faria uma vacina contra a Covid-19 confiável. Outros motivos apresentados são o de desconfiança da eficácia do imunizante e receio quanto aos efeitos colaterais.

“Não. Porque não percebo que teve tempo hábil para a testagem e comprovação científica, ela não me dá segurança” (Entrevista 6, grifo nosso).

“Não. Porque a gente vê, por exemplo a AIDS, há anos e anos estão pesquisando, não é de uma hora para a outra que vai ter uma vacina. Essa vacina é mais uma maneira deles manipularem a gente” (Entrevista 9, grifo nosso).

“A vacina eu confesso que hoje eu não tomo, só se me obrigarem. De livre e espontânea vontade eu não tomaria. Hoje não tomaria nenhuma vacina, principalmente, da China” (ENTREVISTA 14, grifo nosso).

“Se eu tiver a chance, eu não tomo. Só se eu for obrigada, mas eles não podem me obrigar porque eu tenho que assinar um termo de responsabilidade que se acontecer alguma coisa comigo é responsabilidade minha. Você já viu isso? Você ser obrigado a tomar uma vacina em que o próprio laboratório não se responsabiliza pelos efeitos que vão causar em você. É muito sério. Eu gostaria de ver essa vacina sendo testada com todos os passos, passando por todas as fases. Pularam as fases de teste dessa vacina e ninguém tem certeza do que ela pode ou não fazer. Minha opinião, se depender de mim eu não tomo (Entrevista 27, grifo nosso).

Uma questão colocada por alguns apoiadores, que não demonstraram intenção de se vacinar, foi a de só tomar a dose de vacina se fossem obrigados. Como podemos notar nas entrevistas 14 e 27. Sobre a questão levantada acima, primeiro, o presidente Bolsonaro definiu, em fevereiro de 2020, por lei, que a vacinação seria compulsória. Esta temática foi polêmica entre os apoiadores de Bolsonaro nesta época e a própria Secom impulsionou o debate por meio de texto sobre “o governo do Brasil preza pelas liberdades dos brasileiros”³⁴. Na época da Revolta da Vacina, como vimos no capítulo anterior, levantou-se o mesmo questionamento acerca das liberdades civis, de se imunizar ou não. Resgatando Kata (2010), o argumento de liberdades civis estava presente nos seus estudos sobre websites que disseminavam informações

³⁴ Folha de São Paulo. Lei assinada por Bolsonaro prevê vacinação compulsória, diferentemente do que ele afirmou. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/09/lei-assinada-por-bolsonaro-preve-vacinacao-compulsoria-diferentemente-do-que-ele-afirmou.shtml>. Acesso em: 19 maio 2021.

anti-vacina. O que se coloca aqui é a questão da saúde pública, como pontuado pelo presidente da OAB – SP, Caio Santos, de que nessa situação não seria um crime contra as liberdades individuais, mas sim um risco para a população (Folha de São Paulo, 2020). E o próprio Bolsonaro coadunou com a obrigatoriedade da vacinação, mas em seus discursos transparece ser contrário indicando, como na própria *live* que reportamos no início desta seção, argumentos de que as vacinas ainda não teriam comprovação científica, então não seriam confiáveis.

Das pessoas que afirmaram que “sim tomariam, mas não no início”, as preocupações apresentadas foram quanto aos efeitos colaterais, desconfiança da eficácia e ao nível de testagem dos imunizantes.

“Tomaria, mas não de início, deixaria para quando mais da metade da população já tiver tomado, se não morrer ninguém eu tomo” (Entrevista 3, grifo nosso).

“Pois é, essa vacina aí, a princípio eu não tomaria a vacina. Eu deixaria pra tomar mais pra frente até o pessoal ter tomado e verificado que deu certo, então eu tomaria. Por que o seguinte eu sou desconfiado, eu deixaria mais pra frente para tomar, até o pessoal ir tomando e verificar que deu certo, aí eu tomaria, a princípio não” (Entrevista 5, grifo nosso).

“Da China nunca. Se for vacina de país aliado da China nunca. Mas se fosse de Israel ou dos Estados Unidos. Eu acho que vou esperar um tempinho para poder tomar a vacina. Eu não estou comprando mais nada da China só para você ter ideia” (Entrevista 10, grifo nosso).

“Tenho receio, não iria. Às vezes eu fico pensando que ser uma cobaia no início, acho que eu não vacinaria no início não, falta de confiança né” (Entrevista 21, grifo nosso).

“Eu não iria tomar no momento, eu estou em um momento de especulação. Eu ouvi que tem 50% de eficácia e 50% não. E nessa dúvida aí eu prefiro ficar como eu estou, 50% eu posso estra com os meus cuidados de máscara e tal e 50% não. Então eu vejo que prefiro esperar. Quanto as outras vacinas eu também teria receio sim, entre as 3 que se destacaram, eu tenho mais credibilidade na chinesa, porque começaram com isso lá, porém não tomaria ainda” (Entrevista 29, grifo nosso).

Dos apoiadores e apoiadoras que responderam que “sim tomariam”, demonstraram pouca insegurança em relação à desconfiança da eficácia e efeitos colaterais. Nas primeiras duas entrevistas abaixo, notamos que houve uma preocupação em relação à vacina russa, que seria plausível, visto que em fevereiro de 2021, a *Sputnik V* apresentava dados insuficientes sobre os estudos da última fase do imunizante contra a Covid-19³⁵.

³⁵ CNN. Falta transparência em dados apresentados da Sputnik V diz ex-diretor da Anvisa. <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/02/03/falta-transparencia-em-dados-apresentados-da-sputnik-v-diz-ex-diretor-da-anvisa>>. Acesso em: 19 maio 2021.

“Sim, tomaria. Não tenho nenhuma apreensão, os protocolos estão sendo seguidos, eu não tenho apreensão àquelas que seguem os protocolos. Eu teria apreensão à vacina russa, a Sputnik, que ainda não há divulgação de dados, a esse tipo de vacina eu teria uma certa apreensão. Mas a vacina que seguiu todos os protocolos de testagem, seus estágios, de abordagem estatística do tratamento utilização de placebo, aumento da população testada, para mim não teria problema” (Entrevista 1, grifo nosso).

Com certeza. Não tomaria da Rússia, né, porque ninguém sabe como foi feita. É importante a gente saber. A vacina, toda e qualquer vacina, o princípio dela é o vírus morto, mas existem vacinas que são feitas com vírus vivo, então o vírus que vem com ela pode te matar. E na Rússia é tudo fechado, a gente sabe como é, que na Rússia você não tem dado nenhum, você não sabe como é feito, o quê que tem. A da Rússia eu não tomaria, inclusive na internet tem um monte de piadinha sobre isso, eu não tomaria por causa disso, mas sou totalmente a favor e a vacina tá chegando aí, não vai demorar muito não se Deus quiser (Entrevista 16, grifo nosso).

Medo da vacina? Eu não sei nada da vacina, não entendo nada dessa vacina. O que eu entendi né pelo menos, o que eu vi na internet é que as vacinas elas vão melhorando com o tempo, né. Quando eles lançaram a vacina não é uma cura definitiva, né. Elas vão melhorando a cada ano. A vacina eu não teria medo de usar não (Entrevista 17, grifo nosso).

“Não tenho problemas contra a vacina não. O que eu prezo muito é a questão de ter usado todos os métodos científicos em cima na da vacina. O que eu entendi também é que tem uma jogata comercial, o pessoal aproveita da desgraça, de uma pandemia e quer ganhar dinheiro em cima. Então várias vacinas passam por testes duvidosos, já vi vacinas que passaram por fases com 100, 5 voluntários, uma vacina que vai ser aplicada a um país de milhões. Então com esse tipo de vacina eu fico meio receoso, mas agora se ela for bem testada e comprovada, excelente, a melhor salvação que tem no momento” (Entrevista 18, grifo nosso).

Algumas preocupações acerca da vacinação foram mais frequentes, e já foram encontradas em situações anteriores na história da humanidade, como os efeitos colaterais e desconfianças. Dentre os motivos apresentados têm-se: (i) preocupação acerca do nível de testagem dos imunizantes; (ii) desconfiança sobre a eficácia; (iii) efeitos colaterais. Sobre as razões apontadas acerca de insegurança em relação às vacinas, verificou-se que no imaginário dos entrevistados estaria a percepção de que as vacinas demorariam muito tempo para ficarem prontas e não poderia se confiar em algo feito tão rapidamente, como demonstrado nas narrativas que se seguem.

“Tomaria dependendo do nível de testagem que ela tenha sido feito e de quem fabricou” (Entrevista 2, grifo nosso).

“(…) cientistas do mundo inteiro estão voltados para descobrir a cura desse vírus, a vacina. Mas não é uma coisa assim tão fácil, a gente vê que a cura para doença, geralmente, a vacina demora 10 anos” (Entrevista 3, grifo nosso).

“Não. Porque não percebo que teve tempo hábil para a testagem e comprovação científica, ela não me dá segurança” (Entrevista 6, grifo nosso).

“Se a vacina saísse hoje eu não tomaria, não acho que teve tempo suficiente em relação à estudos, teste e tudo mais. Certeza que isso tem algo errado nisso aí. A china mesmo tem casos de ter vendido vacinas falsas pro reino unido, não vou falar porque não me lembro exatamente e não quero falar besteira. É o que andam falando desde o início da pandemia, o tempo mínimo para uma vacina ser confeccionada é um ano. Eu não sou anti-vacina” (Entrevista 25, grifo nosso).

Sobre os efeitos colaterais:

“Tenho medo de tomar, não chegou minha vez ainda para decidir. Tenho medo de tomar qualquer uma delas. Tenho medo pelo pouco tempo para ter conhecimento sobre algum efeito colateral que possa acontecer no futuro. Eu acho que nenhum cientista pode afirmar, tanto é que para você tomar você precisa assinar um termo de consentimento. (Entrevista 13, grifo nosso)

“A preocupação são os efeitos colaterais. Eu tenho uma colega que depois do coronavírus ela passou a ter coisa que não tinha. A mesma preocupação é a vacina, porque eu tomo a vacina e não sei o que vai dar. (Entrevista 15, grifo nosso)

Das pessoas que responderam que “não tomariam a vacina”, ficou evidente uma desconfiança acerca da vacina *Coronavac*, produzida na China. Do percentual total da amostra da pesquisa quase metade dos entrevistados afirmaram que não tomariam a vacina chinesa e somente um pequeno número de pessoas demonstrou receio sobre as vacinas de procedência russa argumentando sobre esta vacina não havia transparência, essas pessoas responderam que tomariam qualquer outra vacina.

Sobre a desconfiança acerca das vacinas chinesas, há motivos para acreditar que seja por decorrência das *fake news* relacionadas à temática desde meados de 2020. Dentre os motivos mencionados para não tomar a vacina de procedência chinesa, têm-se: (i) não confiam no governo chinês; (ii) a falta de transparência da China em relação à vacina; (iii) China tem ligação com o Dória. A primeira razão relatada de falta de confiança no governo da China se dá em torno de uma politização e percepção do país como um inimigo ou como um governo não confiável na percepção dos entrevistados, como veremos a seguir nos relatos.

“Hoje estamos vivendo uma guerra biológica. E a consequência disso, eles (chineses) estão conseguindo manipular a economia, eles compraram várias empresas. Compraram a Band no Brasil, a maioria é capital chinês. A China está fazendo hoje uma guerra declarada, eles estão vencendo essa batalha. A questão da vacina é parte disso também, eu não sei que consequência. Se é algo que eles podem implantar e aparecer daqui a dois anos. Eu não tomaria uma vacina da China, da Rússia mais ou menos, dos EUA eu tomaria” (Entrevista 8, grifo nosso).

“Da China nunca. Se for vacina de país aliado da China nunca. Mas se fosse de Israel ou dos Estados Unidos. Eu acho que vou esperar um tempinho para poder tomar a

vacina. Eu não estou comprando mais nada da China só para você ter ideia” (Entrevista 10, grifo nosso).

A percepção dos apoiadores do Presidente da República sobre a vacina chinesa e sua relação com o governo Dória, bem como especulações sobre o assunto, convergem com a saga da intenção, do Governo Federal, de compra das vacinas chinesas em outubro de 2020. No dia 20 de outubro de 2020, o Ministério da Saúde havia anunciado um acordo de compra de 46 milhões de doses da *Coronovac*³⁶. No entanto, no dia seguinte, esta ação do ministério foi desautorizada por Jair Bolsonaro. O Presidente Jair Bolsonaro, disse que João Dória, o Governador de São Paulo, fez “jogo político quanto às negociações para compra de uma vacina da China contra a Covid-19” e ainda afirmou que a vacina não seria obrigatória. Em resposta a Bolsonaro, Dória fez o pedido de que precisava haver “grandeza para liderar o País para a saúde”.

“Agora se a questão fosse você compraria se fosse da China? Eu não compraria. Agora se eu pudesse escolher a vacina, eu olharia qual teve o melhor método e aí sim eu compraria. O problema dos apoiador do Bolsonaro com a vacina da China é que a gente sabe da ligação que o Dória tem com os chineses. Então esse apoio todo que ele tem sobre a vacina, a gente fica com o pé atrás. Eu tomaria a vacina, mas não seria cobaia como estão fazendo” (Entrevista 11, grifo nosso).

“Quando chegar na minha vez, talvez sim, mas hoje não seria não. Eu não teria coragem não. Eu fiquei com medo dessa confusão toda, mas até chegar na minha vez, eu vou tomar. A chinesa por causa que o vírus veio da China né, aí tem histórias de que o vírus foi feito em laboratório. E outra por causa do Doria, né. Que ele todo defendendo e roubando. Essa da china eu ficaria com o pé atrás. A outra eu acho que eu tomaria” (Entrevista 29, grifo nosso).

Notou-se que um número expressivo dos apoiadores entrevistados demonstrou acreditar em algum tipo de teoria conspiratória relacionada à vacina contra a Covid-19, especificamente, as teorias que envolvem a China foram: (i) a China ou um laboratório chinês teria criado o novo coronavírus e (ii) a vacina seria parte de uma guerra declarada da China.

“(…) Mas se a China foi quem soltou o vírus para o mundo inteiro, se eles soltaram o vírus dentro do próprio país com a intenção de controle populacional em cidade pequenas e não deixou divulgar dentro do próprio país, não tem nem como confiar. Vai querer matar o resto do mundo. (...) As vacinas dos outros países, dependendo de como estiver a comprovação científica eu tomaria. Da China, de modo geral eu não tomaria, até o que puder evitar de comprar de lá tem que evitar mesmo” (Entrevista 12, grifo nosso).

³⁶ Gazeta do Povo. Vacina chinesa e o embate saúde x política entre Bolsonaro e Dória. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/bolsonaro-doria-vacina-chinesa/>. Acesso em: 19 maio 2021.

“Não usaria, ainda mais vindo da China né. Eu, diante de fatos históricos que eu estudo que eu busco na mídia, nas leituras fundamentadas, a China tem um histórico pouquíssimo confiável, sabe? E ter surgido lá esse vírus, e muito provavelmente num laboratório, a gente naturalmente, não por influência de opiniões, mas pessoalmente eu teria medo. Não é uma questão ideológica, que eu odeio a China, nada disso. É que eu não confio mesmo, eu não confio. Não tenho confiança no governo chinês” (Entrevista 20, grifo nosso).

Pode até parecer um pouco preconceituoso de minha parte, mas eu não tomaria a vacina da china, sabe? Por que é uma coisa que surgiu de lá. E tem até boatos, eu de fato, acredito que a China fez isso intencionalmente. Eu acho um pouco teoria da conspiração, mas se formos parar pra pensar sobre o regime de lá, as atividades militares, ações, em minha opinião, a mesma está se preparando para alguma coisa. Portanto, um país que está em tanta confusão não tem minha credibilidade. Eu tomaria a vacina de Oxford, feita nos estados unidos, um país que é referência em questões acadêmicas, científicas, né. Tomaria essa sem nenhum problema. Não teria coragem de ser cobaia (Entrevista 22, grifo nosso).

“É super teoria da conspiração né, que o povo fica falando, não tem nada certo, mas realmente. Meu pai é servidor público e ele conhece muito desse assunto internacional né, então assim, ele é a minha base que me coloca o cenário e o panorama todo, ele é muito por dentro de tudo mesmo, então ele sabe dessa história então eu confio no que ele me diz. Hoje, ele tem certeza que o vírus foi criado na China, porque tem toda a história que a China quer ser a nova potência mundial. E aí, parece que o único jeito de quebrar o mundo era desse jeito, só que eles não sabiam que ia chegar nesse nível tão sério. O que meu pai diz é que sim, a China que inventou, foi um vírus criado em laboratório e que eles não imaginavam a proporção que tudo ia chegar. E é muito estranho porque são vários pontinhos, sabe? Não tem nada certo assim, a galera viajando com força, mas assim são muitos pontos que você fica meio receosa. Eu não sei qual pesquisador que foi, mas tem um pesquisador que falou que o vírus tinha sido criado em laboratório. E aí ele falou que se não fosse provado que esse vírus realmente tivesse sido realmente criado em laboratório, ele entregava o Nobel dele” (Entrevista, 26, grifo nosso)³⁷.

O centro da questão não trata-se de uma desconfiança em sistemas peritos, mas sim na China e pelo modo como os sistemas peritos chineses teriam sido cooptados para o núcleo de uma conspiração chinesa, conforme os entrevistados, com vistas de: fazer um controle populacional; uma guerra biológica; dominação mundial. No entanto, é interessante como a palavra “confiança” aparece na retórica de diversos apoiadores variadas vezes.

As opiniões dos entrevistados em nossa pesquisa são um pouco diferentes dos assuntos encontrados nas *fake news* sobre vacinas, pela organização Aos Fatos, que até 20 de outubro de 2020, havia checado 25 afirmações enganosas acerca das vacinas contra a Covid-19, dentre elas surgiram temas como: conspirações sobre a China e a tecnologia 5G; morte do médico chinês

³⁷ De acordo com a Agência de *fact-checking*, Lupa, a informação de que o vencedor do prêmio Nobel de medicina, o imunologista Tasuku Honjo, teria afirmado que o coronavírus foi elaborado em um laboratório em Wuhan trata-se de uma *fakenews* que circulou por várias redes sociais em meados de 2020. O imunologista afirmou por meio de nota em abril de 2020, que seu nome e da instituição da Universidade de Kyoto, foram utilizados para disseminar desinformação. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/06/05/verificamos-tasuku-honjo-nobel-coronavirus-laboratorio/>>. Acesso em 19 maio 2021.

depois de tomar CoronaVac; vacinas que alteram código genético; vacinas contra Covid-19 causariam dano ao DNA humano; presença de *nanochip* nas vacinas³⁸.

Na pesquisa de Roozenbeek et al (2020), acerca das diferentes crenças sobre o coronavírus, verificou-se que uma das teorias da conspiração com alto índice de aceitação entre os entrevistados diz respeito ao coronavírus ter sido fabricado em laboratório chinês, na cidade de Wuhan, local em que se manifestou primeiro a epidemia da Covid-19. Já a *fake news* sobre a pandemia da Covid-19 ser um plano mundial de imposição à imunização foi percebida como confiável por um menor índice de pessoas (ROOZENBEEK *et al*, 2020). Assim, nota-se que a mesma teoria da conspiração encontrada na retórica de alguns apoiadores entrevistados, também estava presente em pesquisas com pessoas de diferentes países.

Diante do exposto e resgatando Marques *et al* (2021) no que diz respeito a uma ampliação da rejeição à ciência devido a motivações de cunho ideológico – por vezes uma identidade religiosa e conservadorismo político.

³⁸ Aos Fatos. Da obrigatoriedade ao 5G, tudo o que já checamos sobre vacinas contra a Covid-19. Disponível em <<https://www.aosfatos.org/noticias/da-obrigatoriedade-ao-5g-tudo-o-que-ja-checamos-sobre-vacinas-contra-covid-19/>>. Acesso em: 15 abr 2021.

Considerações Finais

Como vimos, no início deste trabalho, no caso da SECOM e das declarações do Presidente Jair Bolsonaro, o Governo tem um poder de disseminação de informações com ampla visibilidade e ao propagar seus discursos sobre a vacina, reforçou algum tipo de atitude de desconfiança acerca dos sistemas abstratos, os sistemas referentes à ciência, no caso das vacinas, e, em especial, os sistemas peritos da China.

Os/as participantes da presente pesquisa demonstraram ter certa insegurança, principalmente no que tange à procedência da vacina, levantando possíveis questionamentos acerca de sua validade científica. E, uma grande parte, disse que não tomaria vacina se fosse da China, nesse caso argumentando-se desconfiança em relação ao Governo Chinês e cooptando os sistemas peritos, os científicos, para dentro desta conspiração. Os apoiadores do Presidente não fazem distinção entre os sistemas peritos chineses e ao governo chinês. Essas percepções podem demonstrar uma convergência com algumas posturas de Bolsonaro, haja visto que, em outubro de 2020, Bolsonaro³⁹ declarou que o Governo brasileiro não iria comprar as vacinas da *CoronaVac*, que foi desenvolvida pelo laboratório chinês SINOVAC, em uma parceria com o Instituto Butantan, vinculado ao governador de São Paulo – estado que tem financiado a vacina –, cujo atual dirigente é João Doria (a saber, um grande rival político de Bolsonaro).

Nos resultados encontrados acerca do posicionamento político, ficou demonstrado que os apoiadores são majoritariamente conservadores; uma pequena parcela afirma ser liberal e uma pessoa afirmou ser monarquista parlamentarista. Do total da amostra, verificou-se que a maioria dos entrevistados são apoiadores críticos e, pouco mais de um terço da amostra, é de apoiadores fiéis – dentre eles, todos são conservadores. A dimensão ideológica se manifesta na pesquisa, há, certamente, um componente ideológico, ficou demonstrado nesta pesquisa e nas pesquisas de Roozenbeerk (2020) e Marques et al (2021). Não avançamos no argumento da dimensão ideológica, pois não era nosso objetivo neste trabalho, mas fica também como uma sugestão para próximas abordagens.

Observou-se que há, majoritariamente, uma confiança geral no sistemas peritos envolvidos na vacina contra a Covid-19 entre os/as participantes da pesquisa. Apesar da desconfiança, devido à opacidade na construção do conhecimento científico sobre as vacinas, considerando que a preocupação encontrada nos três perfis dos entrevistados (“não tomariam”,

³⁹Notícias Uol. Bolsonaro desautoriza acordo de Pazuello e diz que não comprará CoronaVac. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/10/21/bolsonaro-responde-a-criticas-sobre-vacina-chinesa-nao-sera-comprada.htm>>. Acesso em 16 dez 2020.

“sim tomariam”, “tomaria, mas não no início”) quanto à rapidez da criação da vacina contra o novo coronavírus e os níveis de testagem estarem completos. Em relação aos sistemas peritos, a preocupação explícita se dá em torno de que os peritos não estejam pulando nenhuma etapa na elaboração da vacina.

No entanto, todas as vacinas contra a Covid-19 que foram aprovadas por diversos países passaram por protocolos internacionais. Além disso, foi possível acompanhar o avanço destes imunizantes pelo próprio sítio eletrônico da OMS. Ficou demonstrado que as maiorias das pessoas participantes da presente pesquisa têm intenção de se vacinarem contra a Covid-19.

Por fim, é importante salientar que, a maioria dos apoiadores críticos demonstraram ter uma maior intenção de se vacinar, ao passo que, dentre os apoiadores fiéis observou-se uma menor intenção de se vacinar contra a Covid-19.

Sabemos que nossa amostra não é suficiente para ser representativa quanto às percepções dos apoiadores de Bolsonaro no Distrito Federal. Mas, do ponto de vista dos significados atribuídos às vacinas e aos diferentes sistemas peritos, apontamos como sugestão para pesquisas futuras, quanto a compreender essas percepções com uma amostra maior de pessoas.

Referências Bibliográficas

ALLCOTT, H.; GENTZKOW, M. **Social media and fake news in the 2016 election**. Journal of Economic Perspectives, Pittsburgh, v. 31, n. 2, p. 211-36, 2017.

AVRITZER, Leonardo. Impasses da democracia no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. 1.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2001.

BBCNEWS. ‘Gripezinha ou resfriadinho’ e outras 7 frases controversas de líderes mundiais sobre o coronavírus. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52205918>>. Acesso em: 18 nov 2020.

BERTANHA, Carol. Universalização do princípio da simetria? Debates em torno da democratização epistêmica e da emergência de uma “era da pós-verdade”. Rev. Sociologias Plurais, v.6, n.2, pp.102-121, jul, 2020.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. A democracia não está morrendo: Foi o neoliberalismo que fracassou. Lua Nova, São Paulo, n.111, p.51-79, Dec. 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452020000300051&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 Abr 2021.

BROWN, Amy Louise et al. **Vaccine confidence and hesitancy in Brazil**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.34, n. 9, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2018000905014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 Abr. 2021.

CAPRON, A. M. **Personal Beliefs Exemption from Mandatory Immunization of Children for School Entry**. Journal of law, medicine & ethics, n. 43, v.2, pp. 12-21, 2015.

CBN. Imprensa na França repercute declarações homofóbicas de Bolsonaro. Disponível em: <https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/322161/imprensa-na-franca-repercute-declaracoes-homofobic.htm>. Acesso em: 20 nov 2020.

CBN. Bolsonaro diz que ataque com três mortos na França foi motivado por ‘crisofobia’. Disponível em: <<https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/320827/bolsonaro-diz-que-ataque-com-tres-mortos-na-franca.htm>>. Acesso em 20 nov 2020.

CERVI, E. As sete vidas do Populismo. Revista de Sociologia e Política nº17, p. 151-156, 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rsocp/n17/a11n17.pdf>>. Acesso em: 28 nov 2020.

CESARINO, L. Como as mídias sociais proporcionam uma política populista: observações sobre liminaridade com base no caso brasileiro. Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, SP, v. 59, n. 1, p. 404-427, 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8658828>. Acesso em: 28 nov. 2020.

CESARINO, L. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. Internet & Sociedade, v. 1, n. 1, p. 91-120, 2020.

CESARINO, L. Pós-verdade e a crise do sistema de peritos: uma explicação cibernética. Ilha, Florianópolis, v.23, n.1, p.73-96, 2021.

CONVERSE, P. **The nature of belief systems in mass publics**. Critical Review 18(1–3): pp. 1–74, 2006.

Côrrea et al. Análise do Populismo na Democracia: Entre as Emoções e o Racionalismo.

COUTO, Marcia Thereza; BARBIERI, Carolina Luisa Alves; MATOS, Camila Carvalho de Souza Amorim. Considerações sobre o impacto da covid-19 na relação indivíduo-sociedade: da hesitação vacinal ao clamor por uma vacina. Saude soc., São Paulo, v. 30, n. 1, e200450, 2021. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902021000100303&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 abr 2021.

COVID-19 NO BRASIL. Disponível em: <<https://www.coronavirus.com.br/>>. Acesso em: 16 jul 2020.

DUARTE. Tiago Ribeiro. **Ignoring scientific advice during the Covid-19 pandemic: Bolsonaro’s actions and discourse**. Tapuya: Latin American Science, Technology and Society, 3:1, p. 288-291, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/25729861.2020.1767492>>. Acesso em: 22 mar 2021.

DUARTE. Tiago Ribeiro. Pós-verdade durante a pandemia da Covid-19: o negacionismo e a epistemologia personalista de Jair Bolsonaro. (2021, no prelo).

ESTADO DE MINAS. Bolsonaro faz piada homofóbica ao provas guaraná Jesus: ‘Virei boiola, igual maranhense’. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/10/29/interna_politica,1199426/bolsonaro-faz-piada-homofobica-ao-provar-guarana-jesus-virei-boiola.shtml>. Acesso em: 20 nov 2020.

FOLHA DE SÃO PAULO. Mapa de apuração das eleições presidenciais 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/eleicoes/2018/veja-o-mapa-de-apuracao-de-todas-as-cidades-do-brasil/#/cargo/presidente/local/distrito-federal/turno/1/mapa/estadual/municipio/brasil/5300108>>. Acesso em: 31 mar 2021.

Fridman, A. Gershon R. Gneezy, A. **COVID-19 and vaccine hesitancy: A longitudinal study**. **Public Understanding of Science** LOS ONE: e0250123, April, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0250123>>. Acesso em: 20 abr 2021.

Germani F, Biller-Andorno N (2021) **The anti-vaccination infodemic on social media: A behavioral analysis**. PLOS ONE 16(3): e0247642. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0247642>. Acesso em: 19 abr 2021.

GIDDENS, Anthony. As consequências da modernidade. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GIDDENS, Anthony. Modernidade e Identidade. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed.,2002.

HARSIN, J. Post-truth and critical communication studies. Oxford Research Encyclopedia of Communication, Oxford, 20 dez. 2018. Disponível em:

<<https://oxfordre.com/communication/view/10.1093/acrefore/9780190228613.001.0001/acrefore-9780190228613-e-757>>. Acesso em: 30 abr 2021.

HOBSON-WEST, Pru. **‘Trusting blindly can be the biggest risk of all’: organised resistance to childhood vaccination in the UK.** *Sociology of Health & Illness*, v. 29, n.2, 2007, pp.198-216.

HOSANGADI, D. et al. **Enabling emergency mass vaccination: innovations in manufacturing and administration during a pandemic.** *Vaccine*, Kidlington, v. 38, n. 26, p. 4167-4169, 2020.

KALIL, I. & SANTINI, R.M. “Coronavírus: Pandemia, Infodemia e Política”. Relatório de pesquisa. Divulgado em 01 abril de 2020. 21p. São Paulo/ Rio de Janeiro: FESPSP/UFRJ. Disponível em: https://www.fespsp.org.br/store/file_source/FESPSP/Documentos/Coronavirus-e-infodemia.pdf. Acesso em: 02 dez 2020.

KATA, Anna. **A Postmodern Pandora’s box: Anti-vaccination misinformation on the Internet.** *Vaccine*, v.28, issue 7, pp. 1709-1716, 2010. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0264410X09019264>>. Acesso em: 21 abr 2021.

LEWANDOWSKY, Stephan; ECKER, Ullrich; COOK, John. **Beyond Misinformation: Understanding and Coping with the “Post-Truth” Era.** *Journal of Applied Research in Memory and Cognition*, pp. 353-369, jun 2017.

LOPES, M. B. **The meaning of the vaccine or when the predicting is a duty.** *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, v. 3, n. 1, pp. 65-79, Mar.- Jun, 1996.

LOWY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n.124, p.652-664, dez.2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282015000400652&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 abr. 2021.

LUZ, P., Brown, H., & Struchiner, C.. **Disgust as an emotional driver of vaccine attitudes and uptake? A mediation analysis.** *Epidemiology and Infection*, 147, E182, 2019.

MASSARANI, Luisa; LEAL, Tatiane; WALTZ, Igor. O debate sobre vacinas em redes sociais: uma análise exploratória dos links com maior engajamento. *Cadernos de Saúde Pública* [online]. v. 36, n. Suppl 2, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00148319>>. Acesso em: 30 mar 2021.

MARIANO, R.; GERARDI, D. A. Eleições presidenciais na América Latina em 2018 e ativismo político de evangélicos conservadores. *Revista USP*, [S. l.], n. 120, p. 61-76, 2019. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/155531>>. Acesso em: 29 nov. 2020.

MESSENBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. *Revista Sociedade e Estado*, v.32, n.3, pp. 621

– 647, setembro/dezembro, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/se/v32n3/0102-6992-se-32-03-621.pdf>>. Acesso em 22 abr 2021.

MIGUEL, Luis Felipe. O jornalismo como sistema perito. *Tempo soc.*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 197-208, maio, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20701999000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 maio 2021.

MOLTENI, Megan. “When WhatsApp’s Fake News Problem Threatens Public Health”. *Wired* março 2018. Disponível em: <<https://www.wired.com/story/when-whatsapps-fake-news-problem-threatens-public-health>>. Acesso em: 14 abr 2021.

NICOLAU, J. O Brasil dobrou à direita: Uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

Palácio do Planalto. Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, Solenidade de Assinatura da Medida Provisória da Vacina contra o Coronavírus (COVID-19) – Palácio do Planalto. Disponível em: <<https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2020/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-solenidade-de-assinatura-da-medida-provisoria-da-vacina-contr-o-coronavirus-covid-19-palacio-do-planalto>>. Acesso em: 22 mar 2021.

Palácio do Planalto. Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, na Cerimônia de Anúncio do Resultado do Estudo Clínico COVID-19 – MCTI – Palácio do Planalto. Disponível em: <<https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2020/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-cerimonia-de-anuncio-do-resultado-do-estudo-clinico-covid-19-mcti-palacio-do-planalto>>. Acesso em: 22 mar 2021.

Ponce-Blandón, Jose, Díaz-Ruiz, Marina, Pabón-Carrasco, Manuel, E Lomas-Campos, Mercedes. O movimento anti-vacinação como problema de saúde pública: uma revisão integrativa da literatura. *Revista de Enfermagem da UFSM* [Online], v. 8 n. 4, 14 dezembro, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/29296/pdf>>. Acesso em: 16 abr 2021.

PORTO, M. Y. Uma revolta popular contra a vacinação. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 55, n. 1, jan. 2003. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252003000100032&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 abr. 2021.

POST-TRUTH. Lexico, powered by Oxford Dictionaries. Disponível em: <https://www.lexico.com/en/definition/post-truth>. Acesso em: 30 abr 2021. 2016.

RODRÍGUEZ, C. Discursos paralelos, pero en sentido opuesto. Análisis de los populismos de Jair Bolsonaro y Andrés Manuel López Obrador. *Estudios Políticos* (Universidad de Antioquia), 56, pp. 149-173, 2019.

ROOZENBEEK, J.; SCHNEIDER, R.; DRYHURST, S.; KERR, J.; FREEMAN, A.; RECCHIA, G.; VAN DER BLES, A.; VAN DER LINDEN, S. **Susceptibility to misinformation about COVID-19 around the world**. *Royal Society Open Science*, n.7, 14

October, 2020. Disponível em: <<https://royalsocietypublishing.org/doi/10.1098/rsos.201199>>. Acesso em: 29 abr 2021.

SAIF, L. J. Vaccines for covid-19: perspectives, prospects, and challenges based on candidate Sars, Mers, and animal coronavirus vaccines. *European Medical Journal*, London, 24 mar. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2KxiCc4>>. Acesso em: 05 mai 2021.

SANTOS, Boaventura. *La cruel pedagogía del vírus*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2020.

Sharkey, P., & Wood, G. (2020, May 19). **The Causal Effect of Social Distancing on the Spread of SARS-CoV-2**. Disponível em: <<https://doi.org/10.31235/osf.io/hzj7a>>. Acesso em: 14 maio 2021.

SISMONDO, Sergio. **Post-truth?** *Social Studies of Science*, v. 47, n. 1, p. 3-6, 2017. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0306312717692076>>. Acesso em: 10 maio 2021.

SOLANO, Esther **It's all Corrupt: The roots of Bolsonarism in Brazil**. p.210-224. In: .in Vormann, B., & Weinman, M.D. (Eds.). *The Emergence of Illiberalism: Understanding a Global Phenomenon* (1st ed.). Routledge, 2020.

SEVCENKO, N. *A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Scipione, 2003.

VASCONCELLOS-SILVA, Paulo Roberto CASTIEL, Luis David. A internet na história dos movimentos anti-vacinação. *Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Unicamp*, n. 121, 2021. Disponível em: <http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542010000700011&lng=e&nrm=iso>. Acesso em: 17 abr 2021.

VASCONCELLOS-SILVA, Paulo Roberto; CASTIEL, Luis David; GRIEP, Rosane Härter. A sociedade de risco midiaticizada, o movimento antivacinação e o risco do autismo. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v.20, n.2, p.607-616, Feb. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232015000200607&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 abr 2021.

VISCARDI, Janaisa. *Fake news*, verdade e mentira sob a ótica de Jair Bolsonaro no Twitter. *Trab.Ling.Aplic.*, Campinas, n(59.2), pp.1134-1157, mai./ago. 2020.

VOSOUGHI, Soroush; Roy, Deb; Aral, Sinan. **The spread of true and false news online**. *Science*, vol 349, n.6380, pp.1146-1151, 2018. Disponível em: <<https://science.sciencemag.org/content/359/6380/1146/tab-pdf>>. Acesso em: 14 abr 2021.

World Health Organization. *Draft landscape of COVID-19 candidate vaccines*. Disponível em: <https://www.who.int/publications/m/item/draft-landscape-of-covid-19-candidate-vaccines>. Acesso em: 05 dez 2020.